

THOT



Cr\$ 6.000

Nº 39

1985

A Consciência
Canção de Rolando

Orfeu: nascimento do
panteão grego

PALAS ATHENA

- fone: 288.7356

**Um Centro
de Estudos
Filosóficos
para quem busca
viver filosoficamente.**

**CURSOS CONFERÊNCIAS
CICLOS CULTURAIS CON
CERTOS BIBLIOTECA FIL
MESEXPOSIÇÃO ESCORAL**

SEDE CENTRAL

R. Leôncio de Carvalho, 99
Paraíso – S. Paulo
CEP 04003 – S.P.
Fone: 288.7356

GRÁFICA PALAS ATHENA

Rua Dona Ana Neri, 846
Cambuci – S. Paulo
CEP 01522 – S.P.
Fone: 279.6288

CENTRO PEDAGÓGICO

CASA DOS PANDAVAS

Bairro do Souza
CEP 12250 – Município de
Monteiro Lobato – S.P.

CENTRO DE ESTUDOS

PALAS ATHENA

R. Cristóvão Colombo, 2149
Sala 315 – Floresta
CEP 90000 – Porto Alegre – RS

CENTRO DE ESTUDOS

PALAS ATHENA

Rua Azarias Leite, 15-39
CEP 17100 – Bauru – S.P.



THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo "Kem". É o símbolo da Sabedoria e da Autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de Ibis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde pesarão na balança da justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria, da astronomia e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão, é o símbolo da vida eterna, seu bastão, emblema da Sabedoria Divina.

EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil
Lia Diskin
Basilio Pawlowicz
Primo Augusto Gerbelli

PRODUÇÃO

Adalberto A. Cabral; Carla Teso; João Fernandes Filho; Maria Inês Facchini; Mary Ester Silva, Sérgio Marques.

REDAÇÃO

Cláudia Giovani Bozza; Maria Luci Buff Migliori; Renata De Cesare; Therezinha Siqueira Campos.

EQUIPE THOT

David Cohen; Eduardo Chohfe; Emilio Moufarrige Jr.; Fátima Flores Jardim; George Barcat; Isabel Cristina M. de Azevedo; Lucia Benfatti; Lucia Brandão Saft; Lucy Blumental; Mara Novello; Marcia Souza Teixeira; Marina Moraes; Nilton Almeida Silva.

FOTOLITO CAPA

Polychrom

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica PALAS ATHENA
Fone: 279-6288

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual: Cr\$ 36.000 — cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil; rua Leônicio de Carvalho, 99 — CEP 04003 — Paraíso — São Paulo — SP. Telefone: 288.7356. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula n. 2046/Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal, sob n. 1586 P 209/73.

Editorial	2
Canção de Rolando <i>Teresa de Barros Velloso</i>	3
A Consciência — Romano Guardini <i>Maria Luci Buff Migliori</i>	10
A Simbólica da Luz, das Cores, do Espaço e do Tempo <i>Yolanda Lhullier dos Santos</i>	15
Orfeu: Nascimento do Panteão Grego <i>Basilio Pawlowicz</i>	20
O Espírito da Oração no Século XX <i>José Luiz Archanjo</i>	23
Resumo da Evolução Cultural Japonesa (2ª Parte) <i>Eico Suzuki</i>	31
Gravitações em Torno da Questão "O que é viver?" <i>George Barcat</i>	35



CAPA:

Vista lateral do
Parthenon.

EDITORIAL

A CHAVE PARA A FELICIDADE

Não lutemos pela felicidade pois só poderemos obtê-la ao lutarmos por outras coisas. A felicidade não é um "estado de ser" estático; é, isto sim, um estado de perpétuo "vir-a-ser". Não podemos planejá-la; quando chega, não mais estamos conscientes de ter lutado por ela.

E pelo que deveríamos lutar? Por uma realização que vá além de nosso eu egoísta e individual, pelo significado da vida. Nossa grandeza é medida pelo tamanho das causas a que aspiramos. As grandes causas elevar-se-ão acima de nós, fazendo-nos transcender o pequeno eu. As grandes causas insuflam em nós dignidade, e fazem com que um sentimento de reverência nos penetre; eis aí dois componentes necessários para uma vida meritória. Lancemo-nos com tudo que temos para servir aos outros, pela causa do altruísmo! Vamos fundir nosso ser dentro de um espectro mais amplo, a partir da compreensão de que o destino humano é feito de estrelas e não apenas de simples barro. Então, nossas vidas serão exaltadas, o ser em cada um de nós, engrandecido. E talvez como consequência, cheguemos à felicidade.

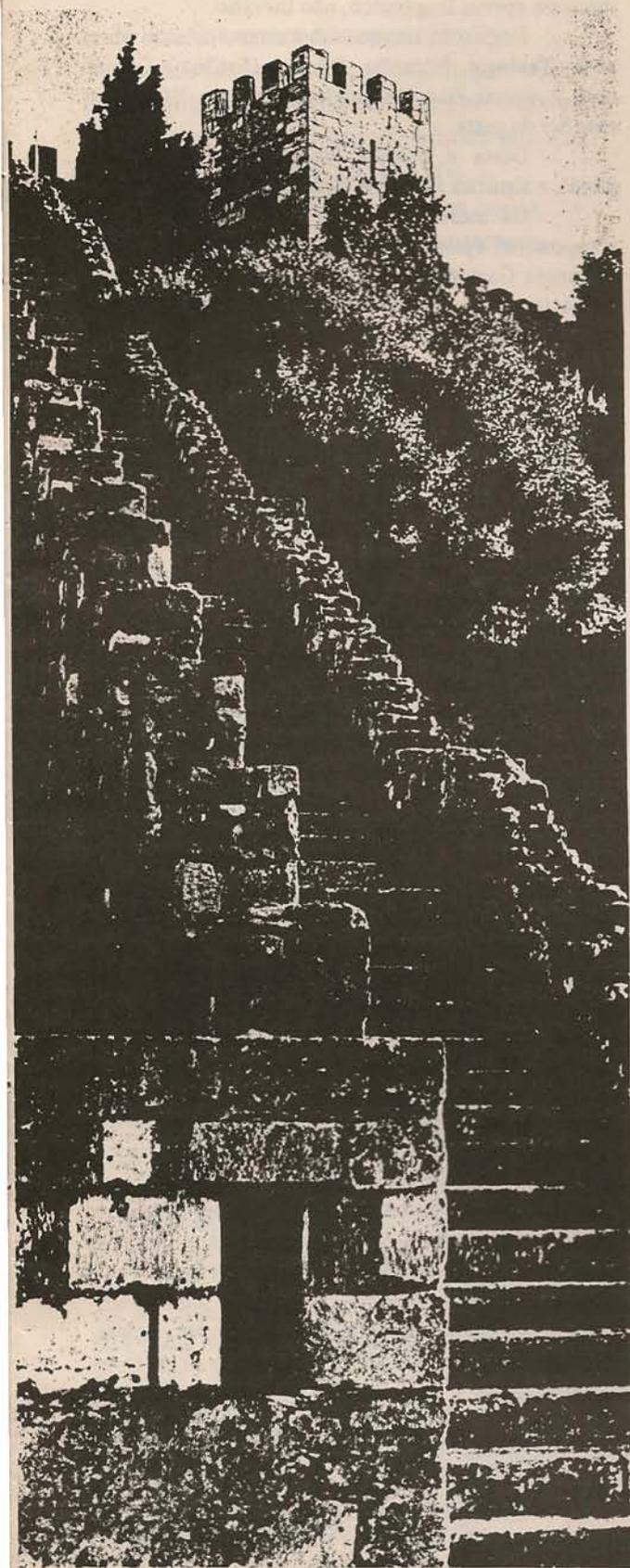
Que é felicidade? O equilíbrio de nosso ser no qual os outros percebem um estado de sinceridade capaz de inspirar e elevar, e que por nós é sentido como um estado de tranqüilidade interior que nos dá força e determinação; não se trata de satisfação sensual ou de conforto físico, mas de um estado de radiação interior que reconheceremos, mais e mais, à medida que dele, mais e mais, nos aproximamos. Felicidade é estar em paz consigo mesmo enquanto o eu se une a uma ordem maior.

As pessoas verdadeiramente abençoadas, os gigantes do espírito e do pensamento humano, os Gandhis e os Schweitzers, não andaram em busca da felicidade e, no entanto, sabemos que suas vidas foram radiantes e inspiradoras — transbordantes no serviço às grandes causas, no serviço aos outros e aos grandes ideais que, por si só, já preenchem de significado os destinos humanos.

O conceito de felicidade deveria ser abandonado pois, em geral, é uma armadilha ocultando uma incursão do ego. A chave para a felicidade é perder o ego e sua cobiça, e adquirir um ideal e uma missão.

HENRYK SKOLIMOWSKI

Canção de Rolando



*Roland sent qu'il n'y a plus de son temps . . .
Il offre à Dieu son gant droit.
Saint Gabriel l'a pris de sa main.
Il tenait la tête inclinée sur son bras
Les mains jointes, il est arrivé à sa fin
Dieu lui a envoyé son ange cherubin
Et Saint Michel de la mer.
En même temps qu'eux y est venu saint Gabriel
Et ils portent l'âme du comte au paradis.*

(*Chanson de Roland – Laisse CLXXVI*)

Em tradução livre:

Rolando sente que não tem muito tempo . . .
Oferece a Deus a mão direita da luva.
S. Gabriel é quem a pega de sua mão.
Rolando tem a cabeça inclinada sobre o braço
As mãos unidas; chegou seu fim.
Deus envia-lhe então seu anjo querubim.
E S. Miguel do mar.
Ao mesmo tempo, estando todos ali, vem S. Gabriel
E levam a alma do conde ao paraíso.

(*Canção de Rolando – Estrofe CLXXVI*)

Frio dia de fevereiro do ano do Senhor de 842, Carlos, o Calvo, e seu irmão Luís, O Germânico, firmam em Estrasburgo um acordo, selado por juramento, que assim começava: "*Pro Deo amur e pro christian poblo et nostro comun salvament . . .*". Nesse documento estão os germens de uma língua que séculos depois se chamará língua francesa.

A maior parte dos gauleses usavam, a princípio, o idioma celta; apenas os aquitânios usavam, de preferência, o ibero, que, segundo muitos autores, seria o ancestral provável do basco. Cidades como Arles, Aix Nîmes, Narbonne, usavam o latim como língua comercial, assim como cidades litorâneas usavam, de preferência, o grego.

Os romanos não tiveram que recorrer à força para impor seu idioma aos gauleses. A ascendência de sua civilização superior, a multiplicidade das relações militares, comerciais, judiciárias e administrativas, a ambição de galgar cargos públicos, o caráter gaulês com sua natural mobilidade, seu instinto imitativo, seu gosto pela novidade, favoreceram a rápida expansão do latim na Gália. As sucessivas invasões bárbaras contribuíram para modificar muito o latim; na boca de visigodos, francos . . . burguinhões, a língua latina adquire matizes novos e imprevisíveis.

Lembre-mos de que a língua dos conquistadores romanos não é aquela da *Catilinarias* nem a dos versos de Vergílio e Ovídio, ou o linguajar de César, nem o mesmo latim simples e elegante das cartas de Cícero. Era a língua falada pelos militares, latim dos quartéis e das ruas, latim castrense, popular. Nessa linguagem já se iniciava a fusão da 1ª com a 4ª, da 2ª com a 5ª declinação; o gênero neutro desaparecia lentamente e se dava relevo às palavras oxítonas e paroxítonas. Tão grande foi a disseminação do idioma latino, que no século VI a língua celta não era mais falada na Gália. Tão importante era a nova linguagem, filha da fusão do latim popular com a linguagem de francos, visigodos, celtas e burguinhões, que no século VIII Sto. Adalberto era citado como sábio pregador em língua romã e nos concílios de Tours, Reims e Orléans, no século IX, se recomendava aos padres que pregassem na nova língua.

Leis naturais de linguagem influíram na criação do vocabulário da língua nascente: como a manutenção da sílaba tônica (*bonitatem - bontatem - bonté*), desaparecimento ou ensurdecimento das sílabas átonas (*tabulam - tablan - table*), queda da consoante medial (*securum - seurum - súr*). O caso latino acusativo foi, como em outras línguas oriundas do latim, o caso gerador dos vocábulos, embora se encontrem vestígios do genitivo no possessivo da língua inglesa. No século XI o francês estava estruturado como língua em suas bases essenciais; o Renascimento trará, nos séculos XIV e XV, enriquecimento do vocabulário com palavras vindas diretamente do latim, daí haver na língua francesa duas formas, muitas vezes, de um mesmo vocábulo, uma popular e outra erudita. Ex.: *Fragilem* (latim) - *Frêle* (popular) - *Fragile* (erudita).

O texto do século IX do acordo de Estrasburgo é seguido por um poema assonante (sem rima) de 29 versos, *Cantilena de Santa Eulália*, por uma homilia sobre Jonas, pelas vidas de São Léger (40 sextilhas octossilábicas), Santo Aleixo (120 estrofes de 5 decassílabos cada) e de S. Thomas Becket,

além da tradução de alguns salmos que constituem os primeiros documentos da língua francesa, mas de interesse apenas lingüístico, não literário.

Enquanto isso se elaboravam em latim obras sobre Teologia, Filosofia, Direito, História e Gramática. A poesia francesa surgirá no século XI com as canções de gesta.

Gesta é palavra latina, usada no neutro plural, e significa façanhas, ações heróicas.

Há muitas hipóteses sobre a origem dessas composições épicas. Os críticos do século XIX, como o francês Gaston Paris e o italiano Pio Rajna, postulam a teoria de uma arcaica tradição oral popular e, influenciados pelo romantismo alemão, ligam essa tradição aos *lieder* germânicos. As canções de gesta seriam então amplificação desses cantos primitivos. Outros se filiarão a essa corrente, como René Louis na França e o medievalista Ramón Menéndez y Pidal que, em sua obra *La Chanson de Roland y el neotradicionalismo* (1959), associa as canções de gesta aos romances populares ibéricos.

Joseph Bédier e outros dão às canções de gesta origem erudita, como obras de trovadores com a colaboração dos clérigos (a Igreja seria o berço das epopéias, como do teatro medieval com os mistérios), popularizadas pelos jograis nas grandes feiras da Champagne e da Provença ou durante as peregrinações que atraíam multidões a santuários, como Santiago de Compostela, na Galícia, criada por Afonso II da Espanha no século VIII para abrigar relíquias de Tiago, filho de Zebedeu.

As primeiras peregrinações do cristianismo surgiram no século II e tinham como meta Belém, Jerusalém e mais tarde Roma.

O cristianismo primitivo era religião sem templos, santuários ou cerimonial. Nos Atos dos Apóstolos vemos que as reuniões eram realizadas em casas particulares.

As peregrinações medievais tinham um espírito de expiação, desconhecido pela Igreja primitiva, e iam em busca de santuários e relíquias de santos. Na França havia peregrinações a Vézelay, St. Denis, Meaux, Chartres, com sua célebre Virgem Negra; na Inglaterra, Canterbury atraía peregrinos que iam visitar o túmulo de Thomas Becket. Essas romarias inspiraram Geoffroi Chaucer a escrever *Canterbury Tales*, a primeira obra literária em língua inglesa. Na Itália havia peregrinações à igreja do Arcanjo no monte Gargano e mais tarde à Porciúncula de Francisco de Assis.

A canção de gesta possui um padrão comum na forma e no estilo; as canções primitivas eram para ser cantaroladas, como uma melopéia, acompanhadas por instrumentos de corda e sopró, raramente de per-

cussão, por um jogral ou segrel nos castelos, nos festivais religiosos ou para grupos de peregrinos. A maioria das canções de gesta eram compostas em decassílabos (10 sílabas poéticas) com cesura sobre a quarta, raramente na sexta sílaba. No século XIII, quando as canções de gesta passaram mais a serem lidas e não cantadas, popularizou-se o uso do verso alexandrino (12 sílabas poéticas) com cesura na sexta e décima segunda sílabas e as estrofes assoantes (sem rima), que eram chamadas *laissez*, passaram a ser rimadas. Essa modificação na estrutura do verso é muito importante: o decassílabo tem um ritmo próprio para o verso heróico, épico, é solene e musical e a assonância dá ao verso, à estrofe, uma flexibilidade e espontaneidade que se casam muito bem com o decassílabo.

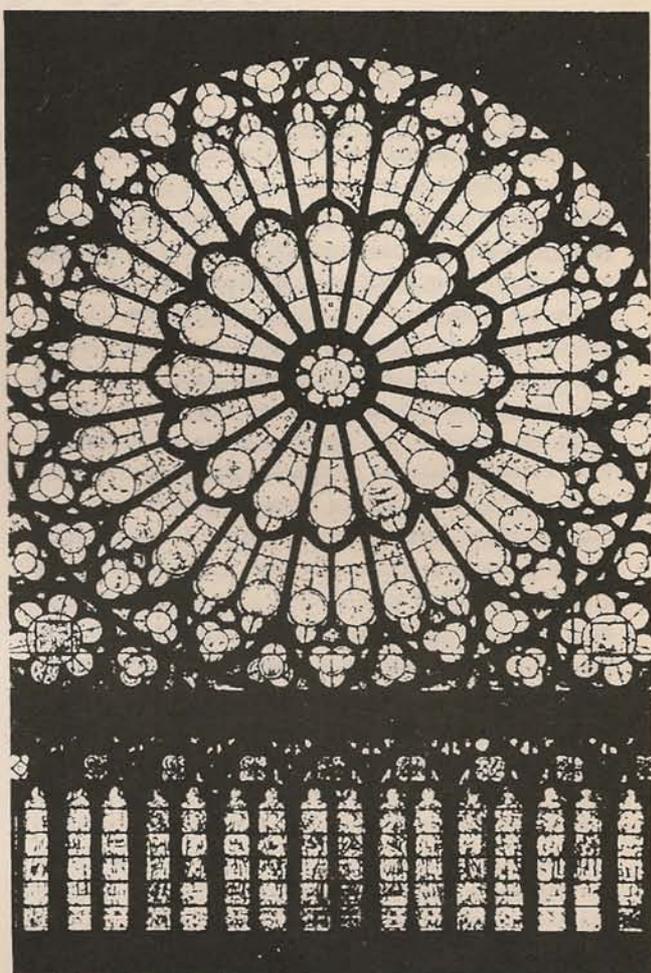
O alexandrino é menos flexível, é ponte para as transcrições em prosa das canções de gesta no século XIV, quando se começa a abandonar as *laissez* e se usam longuíssimas estrofes que dão ao poema monotonia e obscuridade.

Foi nesta última forma que as canções de gesta foram leitura favorita na sociedade do início do Renascimento até a aparição, nos séculos XVII e XVIII, dos romances populares. São essas transcrições em versos alexandrinos ou em prosa que foram conhecidas e serviram de inspiração aos poetas românticos do século XIX. As canções de gesta retomaram sua estrutura primitiva graças às edições eruditas surgidas em fins do século XIX, início do século XX, de romanistas franceses, ingleses, alemães e italianos.

A verdade histórica nas canções de gesta é distorcida freqüentemente; assim, por exemplo, Guilherme de Orange, falecido antes de Carlos Magno, é apresentado como fiel súdito de um soberano posterior, o fraco Luís, o Piedoso. É que essas canções não são crônicas históricas, seus autores não se preocupam com a verdade histórica, mas com as batalhas, as causas morais e legais, as façanhas heróicas, a exaltação delas e, num plano superior, à glorificação de sentimentos como lealdade aos ideais religiosos e nacionais.

Os trovadores ora cantam Rolando como um dos pares do imperador, ora como sobrinho de Carlos Magno, filho de sua irmã Berta e do cavaleiro Milon d'Anglers.

Só poderemos entender os anacronismos, as árvores genealógicas aparentemente absurdas dos heróis das gestas medievais, se entendermos o espírito, o posicionamento do homem medieval perante a vida. É o que tentaremos fazer, antes de analisarmos os romances de cavalaria e, de forma especial, a *Chanson de Roland*.



Rosácea do transepto norte da Catedral de Notre Dame, Paris. Meados do séc. XIII.

O símbolo na Idade Média foi escada de Jacó para o homem escalar o céu e ferramenta polivalente para exploração da alma e construção de uma sociedade, na qual os grandes personagens (reis, papas, prelados, heróis) instalam-se em um lugar da hierarquia em que Deus ocupa o ápice.

Deus era o primeiro a ser servido, o rei era consagrado a Ele, o cavaleiro recebia as diretrizes divinas no momento da sagração, o camponês reservava a Deus as primícias da terra, o pai de família guardava para a divindade a melhor parte da ceia de Natal.

Cada época tem seu princípio fundamental. Hoje a economia atua sobre todos os setores, julga-se o homem de acordo com seu grau de rentabilidade. Como nós, homens do século XX, poderemos compreender a alma medieval profundamente simbólica?

O homem da Idade Média via o símbolo como antena captadora dos aspectos mais misteriosos da vida, daí a infinita gama de matizes das obras medievais. O símbolo se dilata e emerge nos textos em prosa, nos edifícios, nos versos, nas esculturas.

Chartres, Reims, Laon, Notre Dame de Paris, Artur, Percival, Carlos Magno, Rolando, Oliver, Lancelote, Galaz, Merlin, são vozes de sereia, que não nos levam para o abismo, mas para nosso jardim secreto, onde ainda podemos plantar as árvores do paraíso.

Admitir o símbolo é aceitar a parte de mistério que há em nós; leremos mil vezes um texto em prosa ou verso, examinaremos mil vezes o fuste de uma coluna ou o vitral colorido de um templo e mil vezes nos surpreenderão novos significados. O símbolo é a única expressão possível de certas realidades espirituais, converte a realidade prosaica em colorida aventura espiritual. Cabe ao homem sensível o dever de adquirir cada vez mais a percepção do mistério colocado em seu caminho, seja ele expresso como catedral, prosa, poesia lírica, canção de gesta, capitel ou vitral. Deve-se ver tudo isso não como obras de um passado morto, mas como um presente eterno do símbolo. Este une o objeto com o significado espiritual que brilha no fundo da matéria; pelo símbolo os mundos celestes e terrestres se intercomunicam, passa-se de um plano a outro, provando-se que em toda a parte reina uma só unidade. Os textos medievais possuem mais fatos simbólicos que históricos, não são narrações literais de um fato, mas a história simbólica do homem, sua força e fraqueza, sua busca de perfeição; as vestimentas mudam com as épocas, o homem permanece o mesmo interrogando-se e interrogando a vida. As catedrais, as canções de gesta, a poesia, os vitrais, os romances de aventuras medievais, tentam ser respostas às angústias humanas.

As narrações das gestas e romances medievais revelam ao homem regiões inacessíveis à experiência lógica, expressam plástica e dramaticamente o que a metafísica e a teologia definem dialeticamente. Nessas narrações, história e super-história se misturam. Figuras históricas, separadas no tempo e no espaço, são relacionadas, porque confusamente se sentiu como manifestações equivalentes de um princípio ou função únicos. As extravagantes genealogias expressam de modo simbólico uma descendência espiritual real, embora sem condição de continuidade de sangue.

Percival, Lancelote, Artur, Carlos Magno, José de Arimatéia, Rolando, Ogier, são nomes diferentes para um só tipo, representações diversas de um mesmo motivo. Os castelos misteriosos, as ilhas, os reinos inacessíveis, os gigantes que desfilar nas narrações com certa monotonia, criam atmosfera estranha e surrealista.

Em tudo há uma névoa de mistério iniciático, uma realidade super-histórica, que parece pressionar a História, unindo de forma íntima certos

Na *Chanson de Roland* a fidelidade ao soberano, o ardor religioso, o amor à terra natal estão expressos com uma singeleza que atinge em certos momentos o sublime

símbolos, criando a sensação vaga e viva de que a realização de algo se impõe para a solução da crise espiritual dessa época.

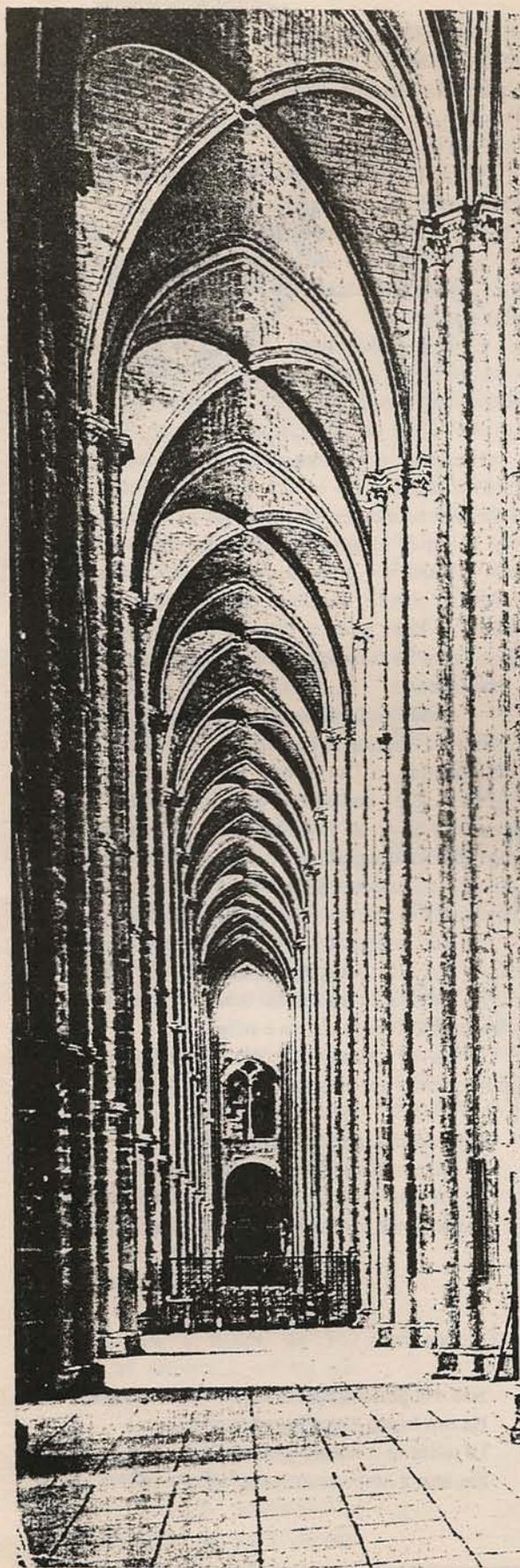
O simbolismo aparece tímido nas canções de gesta, cresce nos romances de cavalaria, atinge seu esplendor na lírica provençal.

A Gaya Ciência, vinda dessa Provence, desse Languedoc, dessa Aquitânia de vaporosas brumas e velhas vozes druídicas, toma conta, a partir do século XI, de toda a produção literária européia.

Entre pomares de ameixeiras, cerejeiras, pessegueiros, searas, moinhos e sonolentos bois, surgiram os castelos provençais, onde uma sociedade refinada, forjada na heresia cátara, aberta, sem preconceitos de nascimento ou raça (acolhera os banqueiros judeus), vivia entre os cantares de trovadores, segréis e jograis.

Trovar era missão civilizadora e a poesia provençal, a liberdade de imprensa da época. A heresia cátara foi para o sul francês uma evolução social e espiritual libertadora. As cortes de Toulouse e Foix, presididas por nobres cultos e trovadores, possuíam cerca de quinhentos poetas no alvorecer do século XI; entretanto, Luís Felipe, um dos mais brilhantes reis do norte francês, era analfabeto. O comércio prosperava, Toulouse era a terceira cidade da Europa, a justiça dos nobres fora substituída pela arbitragem dos Perfeitos; a relação entre empregados e empregadores afastava a servidão dos pobres e a sujeição dos menos pobres aos seus suseranos. Os usurários tinham sua atuação equilibrada pela justiça dos Perfeitos, bispos cátaros. A destruição, pelas hostes papais, da cidade de Montségur, pôs fim a essa civilização brilhante, profundamente original em sua visão de vida.

Deve-se distinguir muito bem as canções de gesta dos romances cortesões, também em versos. Estes são histórias de amor, de encantamentos, de aventuras galantes e heróicas não destinadas ao canto, mas à recitação perante a sociedade dos castelos medievais. Elaborados em octossílabos rimados (oito sílabas poéticas) em estrofes de dois versos (dísticos), são poemas com vários temas, ou da antiguidade greco-romana, ou temas bretões (ciclo de Artur, do Graal, de Tristão e Isolda, os *lais* de Marie de França).



Lateral interna da Catedral de Bourges. Fim do séc. XII e começo do séc. XIII.

Segundo a classificação proposta por Bertrand de Bas-sur-Aube, há nas canções de gesta dos séculos XI, XII e XIII três ciclos: 1) o do Rei, cujo núcleo são as façanhas de Carlos Magno e seus pares; 2) o de Guilherme de Orange (*Guillaume au court nez*) conhecida também por gesta de Garin de Monglane; 3) a gesta de Doon de Mogúncia.

Pertencem à gesta do Rei poemas como *Mainet*, *Aspremont*, *Peregrinação de Carlos Magno a Jerusalém*, *Ferrabrás*, *Otinél*, etc. As cruzadas suscitarão outras canções de gesta como *A Canção de Antióquia*, *Conquista de Jerusalém*, *O Cavaleiro do Cisne*, *Godofredo de Bouillon*, que possuem mais de maravilhoso do que conteúdo histórico.

A partir do século XIII as canções de gesta vão perder muito de seu caráter épico e surgirão poemas como *Berthe aux grands pieds*, *Borron de Comarchis*, *Huon de Bordeaux*, *L'enfance d'Augier*, etc. As canções de gesta são mais ou menos 80.

A mais bela e a mais célebre das canções de gesta do ciclo do Rei é, sem dúvida, a *Chanson de Roland*.

Há excelentes estudos na Europa não só sobre a *Chanson de Roland*, mas, de uma forma geral, sobre as canções de gesta. Léon Gautier escreveu no século passado, editado em Tours, *Les épopées françaises*; P. Boissonade escreveu em 1923 *Du nouveau sur la Chanson de Roland*; Gaston Paris escreveu *Historie poétique de Charlemagne* e L. Petit de Julleville, uma primorosa edição da *Chanson de Roland* em francês arcaico e moderno, em versos assonantes.

Na Itália P. Rajna escreveu *L'origini dell' epopea francese* e *Le fonti dell' Orlando furioso*, e F. Picco, *Rolando nella storia e nella poesia*, sem citarmos as inúmeras edições críticas inglesas e alemãs.

A infância e juventude de Rolando são contadas em inúmeras canções e poemas que correram toda a Europa na Idade Média. Em *Aspremont* vemos Rolando lutando na Itália contra o gigante Eaumont e depois junto aos muros de Viena contra Olivier, que mais tarde se tornará seu irmão de armas. A lenda de Rolando na Itália medieval teve muita popularidade.

Carlos Magno e Rolando aparecem no *Paráiso* (Canto XVIII) de Dante e até duas belas esculturas de Rolando e Olivier enfeitam o pórtico da catedral de Verona.

Uma avalanche de versões da *Chanson de Roland*, num francês italianizado, correram a Itália nos séculos XII e XIII.

Na Inglaterra os poemas sobre Rolando e Carlos Magno parecem derivados de versões inferiores e tardias das canções de gesta francesas.

A mais antiga versão da *Chanson de Roland* é a do manuscrito de Oxford (séc. XII). As velhas fontes da lenda estão nos capítulos XIX a XXX da crônica latina do arcebispo Turpin de Reims e no *Carmen de prodicione guenonis* em dísticos latinos. O tom clerical da obra de Turpin é substituído pelo épico do trovador desconhecido, que escreveu os 4.000 versos assonantes de métrica irregular e estrofes terminadas por um refrão (Aoi). O trovador ou o escriba deveria ser normando ou bretão devido às alusões a *Saint-Michel de la mer*. O poema na Inglaterra foi impresso pela primeira vez por Francis Michel (Oxford 1837) e é, sem dúvida, o mais formoso monumento épico-literário medieval da língua francesa.

A *Chanson de Roland* do texto de Oxford é um dos poucos manuscritos nos quais as interpolações dos copistas são raras e não desfiguram o texto original.

O episódio histórico da *Chanson de Roland* é referido pela primeira vez pelo cronista Eghinhard em sua *Vie de Charlemagne* (cap. IX). Conta o cronista que em 15 de agosto de 778 a retaguarda de Carlos Magno, comandada por Rolando, foi atacada de surpresa e massacrada no desfiladeiro de Roncevaux (Pirineus) por camponeses bascos. Carlos Magno viera à Espanha para lutar contra os maometanos, captura Pamplona e tenta inutilmente tomar Saragoza. Sabendo de rebeliões na Saxônia, regressa às margens do Reno; quando se retirava, acontece o massacre de sua retaguarda.

O episódio histórico, em si, é de pouca importância, mas ganhou beleza, grandeza maravilhosa, nos castelos e mosteiros, nos caminhos das peregrinações, burilado pela imaginação dos trovadores e jograis. O autor da *Chanson de Roland* tirou desse episódio uma narrativa densa, grandiosa e heróica. Descreve com entusiasmo as lutas da França cristã, tendo Carlos Magno como campeão da cristandade, contra um convencional, politeísta e idólatra Islã.

Na *Chanson de Roland* a fidelidade ao soberano, o ardor religioso, o amor à terra natal estão expressos com uma singeleza que atinge em certos momentos o sublime.

O exagero da ação da retaguarda, a substituição de uma pequena e aguerrida tribo basca por um exército de 100.000 sarracenos, a traição de Ganelon, a vingança de Carlos Magno, quando, de fato, o inimigo fugiu impune, o soberano idoso, quando era muito jovem na época, o episódio da bela Aude, ficam por conta da imaginação do trovador e dos jograis que deviam levar a canção de Roncevaux, rota das peregrinações a Santiago de Compostela, a todas as partes da Europa. Se a *Cantilena*

Rolandi cantada por Taillefer na batalha de Hastings (1066), entre o rei inglês Haroldo e Guilherme, duque da Normandia, é trecho da *Chanson de Roland*, não sabemos, mas a escolha da lenda pelo trovador prova sua popularidade.

A heróica relação entre Rolando e Olivier, embora saída da imaginação do trovador, tem lances de beleza e emoção que a fazem exemplar.

A *Chanson de Roland* é dividida em três partes: a) Rolando traído, b) Rolando morto, c) Rolando vingado.

O trovador conta a história de Rolando, conde da Bretanha, caindo em uma emboscada no desfiladeiro de Roncevaux. Ele é sobrinho de Carlos Magno e noivo de Aude, irmã de Olivier. O desastre da retaguarda tem como causa central a traição de Ganelon. Marsília é o rei dos sarracenos que, a conselho de Blancadrin, envia presentes e se declara submisso a Carlos Magno. Ganelon, que odeia Rolando, liga-se a Marsília e prepara a destruição da retaguarda francesa. Rolando, vendo-se perdido, nega-se heroicamente a fazer soar a trompa e pedir socorro ao imperador e os doze pares, e seus soldados morrem no desfiladeiro.

A descrição da morte de Rolando, oferecendo sua luva direita a Deus e despedindo-se de sua espada querida, a Durindana, tem uma beleza rude, pungente, que emociona profundamente. Carlos Magno virá para se vingar e levar os despojos dos heróis; um mensageiro, Aymerillot, leva à bela Aude a notícia da morte do irmão Olivier e do noivo Rolando; ela morre com o coração partido de dor.

Nas primeiras estrofes do poema o trovador conta o cerco de Saragoza, descreve o chefe dos sarracenos, Marsília, e dá à ação bélica de Carlos Magno profunda conotação mística e religiosa.

Na 8ª estrofe há bela descrição de Carlos Magno rodeado por todos os seus cavaleiros.

*Sous un pin, près d'un églantier
Ils ont un trône, fait tout entier d'or.
Là est assis le roi, qui possède la douce France
Il a la barbe blanche et la tête fleurie.*

(Laisse XLV)

Em tradução livre:

Sob um pinheiro perto de um rosal selvagem
Há um trono todo feito de ouro.
Lá senta-se o rei que possui a doce França
Ele tem a barba branca e grisalha a cabeça.

(Estrofe XLV)

A Consciência

A obra, constituída de três conferências intituladas *O Bem e a Consciência*, *O entendimento com Deus* e *O Exercício do Recolhimento*, não tem o caráter teórico de um tratado moral e teológico sobre a natureza da consciência. É, ao invés, um escrito prático sobre problemas religiosos e morais da vida interior que procura demonstrar a independência e iniciativa da moral cristã, indicando um fecundo ponto de partida entre outros tantos.

As questões tratadas concernem à nossa existência pessoal. Não fala o autor apenas daquilo que sabe ou do que é pessoalmente convencido como pessoa vivente. Discorre sobre o que devemos fazer, sobre o destino humano e a própria salvação da alma. Alerta para a importância fundamental do entendimento entre quem fala e quem escuta, pois essencial é que ambos queiram tratar juntos daquilo que “devemos fazer”, unidos pela mesma preocupação da nossa mais íntima existência, de seus problemas e da sua elevação.

Para travar relação com esses interesses espirituais, no entanto, deverão estar presentes certas condições particulares. “Vivemos numa idade devastada. As coisas do espírito e da salvação não têm sede própria. Tudo foi jogado na rua. Todos falam, escutam, escrevem e lêem de tudo a todo instante. Esquecemos que tudo quanto reflete o espírito é de uma nobreza muito exigente e que compreendê-lo só é possível sob certas condições. Os diversos interesses do mundo espiritual exigem um modo diferente de falar e escutar; requerem um espaço interior diverso, no qual possam desenvolver-se este falar e este escutar.” (pág. 10.)

O Bem e a Consciência

Inicialmente o autor faz a distinção entre uma ação que atua para um fim, e o cumprimento do dever. Os fins para os quais atuamos constantemente em nossa vida profissional, pública ou familiar, visam atingir algo necessário ou útil para a nossa existência. Diferente é a hipótese do cumprimento do dever, como por exemplo falar a verdade, porque acho justo dizê-la, não porque queira chegar a um fim, embora seja também isso, porque o dever é sempre coligado com os fins. O caráter comum de todos os deveres, o que permanece e é extraído de todos os conteúdos particulares, está na palavra bem; é o bem em si.

Indaga, então, "O que é o Bem?" Assinala, já de início, que a esta pergunta ninguém espera resposta alguma. Como dizia Santo Agostinho: "Se não me perguntas, eu sei. Mas se me perguntas e eu devo dizê-lo então não o sei" (pág. 17.)

Todavia, não podemos nos deter neste ponto. É preciso realizar um esforço. Atravessar e superar o ceticismo, as tristes experiências por que passamos quando queremos fazer o bem; a perda de pensamento, de palavra, de literatura de nossa época, tudo quanto parece caótico e impenetrável.

Diz o autor: "Devemos fazer falar o que em nós existe de íntimo; e ele nos dirá: o bem existe. Existe aquele caráter supremo que pode colocar-se sobre a ação menos visível e conferir-lhe um selo de absoluto, superior a todo fim particular. Existe qualquer coisa definitiva, que não pode ser discutida, e tem em si a nota de grandeza genuína. Existe aquele vértice supremo, sobre o qual, quando tudo se subverte e vai à deriva, posso refugiar-me dizendo: "Eu quis o bem". Isto existe. Aquilo que não depende de nada mais, mas existe em si; que não recebe justificativa de fora, mas traz a sua dignidade em si mesmo, aquela coisa diante da qual não é lícito ficar indiferente, se não se quiser colocar em risco, com levianidade, a própria dignidade íntima." (págs. 14-15.)

A consciência, por sua natureza, responde ao bem, como o olho à luz. Ela não consiste apenas em saber algo. Na consciência está ínsito o caráter de interioridade. Ter consciência, então, significa um haver dentro de si; encontrar-se só com alguma coisa; um abraçar e penetrar. A consciência exige, assim, profundidade, que o autor explica com a proposição: "Estou consciente, por mim mesmo, que este é o bem".

A pergunta inicial, no entanto, perdura: "O que é o bem?" O bem é o bem. Não é possível decompô-lo em elementos mais simples. Dizer, por exemplo, que é o amor ao próximo, à verdade, seria afirmar apenas só uma parte da manifestação do bem. O bem é, assim, aquilo que é; é sempre um conteúdo, positividade pura e simples.

Assinala o autor: "O bem é alguma coisa de vivente, não é uma idéia abstrata, não é uma simples lei, mas alguma coisa de espiritualmente vivo. Isto me diz a experiência. Tal se me apresenta interiormente, como tal toca a minha consciência". "A força de seu conteúdo é intuitiva, compreendê-mo-la diretamente." (págs. 17-18.)

De outra parte, o conteúdo do bem é infinito, a profundidade deste conteúdo "é insondável, a sua amplitude incomensurável, a sua plenitude inexaurível, a riqueza de sua qualidade e do seu valor incalculável". (pág. 18.)

E na situação, isto é, no complexo de homens, circunstâncias e de fatos dos quais eu faço parte e que exigem de mim algo, é que atua o bem. É nesta situação sempre nova que eu traduzo o bem que continuamente vem inserido na realidade.

A atividade moral, portanto, não é apenas o cumprimento de uma lei, a execução de uma norma, mas doação de vida. Fazer o bem equivale a uma verdadeira criação; torna-se humanamente real aquilo que ainda não o é, dá-se forma terrena a qualquer coisa de infinito.

Neste ponto, assim se expressa o autor: "É preciso que imprimamos a forma na matéria da realidade que nos circunda: na situação. Devo ponderar: o que importa para mim tudo isso que me rodeia? A que coisas devo dirigir o meu olhar? O meu juízo? Que coisa é aqui o bem? Ver, julgar, deliberar, fazer tudo isso claramente, de forma magnânima, resoluta, com ato enérgico e claro, que tenha sangue e cor, o ímpeto do coração e a segurança da mão, isto significa fazer o bem". (pág. 22.)

**Através da consciência respondo ao bem
e fico consciente disto,
de que o bem existe,
e tem uma importância absoluta,
pois o fim de minha existência está
diretamente ligado a ele.**

Conclui que agir moralmente significa criar algo; não em pedra ou em cor ou em som, mas na matéria real da vida.

Destaca, por outro lado, a desorientação moral que caracteriza nossa época. Perdemos as linhas fundamentais da moral; talvez devido ao subjetivismo, à intolerância de freios ou à fossilização do pensamento moral tradicional em formas distantes da realidade viva.

Muitas são as pessoas que acham que o ato moral não compensa o esforço que exige. Outras, estão dispostas a iniciar este esforço, mas não sabem por onde começar, por sentirem-se perdidas no caos e não verem claramente quais são as normas pelas quais devem pautar sua conduta.

É preciso, então, que surja o homem que cumpra com alegria e sinceridade o dever moral, que se ponha a trabalhar, e a estagnação moral estará superada.

Através da consciência respondo ao bem e fico consciente disto, de que o bem existe, e tem uma importância absoluta, pois o fim de minha existência está diretamente ligado a ele.

Todavia, as situações não são simples, mas plenas de exigências contraditórias e múltiplas. Por outro lado, elas se apresentam uma única vez, o que significa que devemos interpretá-las e avaliá-las na sua específica particularidade.

Daí a importância da formação da consciência, advertindo-nos o autor sobre o perigo de não se chegar a qualquer decisão e ação, perdendo-nos na multiplicidade. "Formar a consciência quer dizer alargar a angústia do olhar para abraçar a multiplicidade das formas, superar a obtusidade da sensibilidade aos múltiplos valores que nos dirigem seu apelo, significa que o homem afina a sua sensibilidade para compreender nas suas nuances as exigências morais. Mas, na medida em que isso acontece, cresce o perigo oposto: que ele se perca nesta multiplicidade e que na fúria de querer ver, entender e retificar, não chegue à decisão e à ação." (pág. 26.)

É preciso, assim, vencer nossas resistências conscientes e inconscientes, porque no mais das vezes somos recalcitrantes.

Toda a multiplicidade objetiva da situação deve ser colhida e interpretada segundo a visão definitiva que lhe dê significado. Quando a situação admite diversas interpretações e não oferece uma clara direção para a ação, então é a consciência que deve decidir e declarar: "O melhor é isto, assim é preciso agir"; e esta decisão deve ser mantida e seguida.

O Entendimento com Deus

Todo o conteúdo da vida, todas as coisas e acontecimentos se prestam como matéria para que o bem eterno, infinito e simples, seja inserido no tempo. Quando se trata de fazer o bem estou sozinho comigo mesmo, devo responder pelas minhas ações. Em jogo está o último significado da minha vida, a minha salvação. Ninguém pode exonerar-me desta responsabilidade.

A consciência é, então, uma potência criadora, capaz de ver e atuar sobre alguma coisa que não existe ainda.

Todavia, a consciência, por três modos pode ficar prejudicada, conforme assinala o autor. Ela pode, em primeiro lugar, vir a se tornar superficial, frívola, obtusa. Embora a consciência progressivamente torne a vida mais rica de conteúdo, ela também faz com que a vida fique mais pesada. Surge em nós, assim, a tendência de busca das vias fáceis, liberando-nos dos pesos, como acontece quando obscurecemos

um ponto importante de nossa vida; desviando o olhar das coisas que são desagradáveis de maneira que a situação, que, como já vimos, é sempre única e original, fica reduzida a um esquema mais simples e cômodo.

A consciência, de outra parte, pode vir a ser excessivamente apurada e enxergar deveres onde não existem. O comando da consciência deve ser percebido em liberdade; mas, quando a consciência está doente, esta liberdade desaparece e de seu comando deriva uma verdadeira escaridão: a consciência angustiada, o escrúpulo. Destaca Guardini que no homem está profundamente enraizado o instinto secreto de se atormentar, e, em alguns temperamentos, este instinto opera com uma força particular. Este instinto se serve freqüentemente da consciência como de uma arma terrível contra a própria existência.

Por derradeiro, a consciência pode vir alterada em seu conteúdo. A consciência não é um espelho que reproduz a situação. Na situação nos encontramos nós mesmos e nossos desejos conscientes e inconscientes. Assim, suprimimos coisas desagradáveis, esquecemos fatos, procuramos por horas aquilo que está na nossa frente. O juízo da situação depende muito, portanto, de nossa disposição interna, de nossa simpatia ou aversão.

De todo o exposto se depreende a importância da formação da consciência através da educação, por ser ela "um ato vital no qual opera e influi tudo o que eu sou, e também o meu desejo mesmo. Isto vem expresso num dito espiritualoso: 'A memória afirma: isto foi você quem fez. O orgulho declara: isto não posso ter feito eu. E a memória cede.'" (pág. 36.) Desse círculo do eu só é possível liberar-me encontrando algo que esteja acima de mim, e que se afirme no meu interior.

O bem é a santidade do Deus vivente. Conhecendo o bem conheço Deus, seguindo seu comando sigo o comando de Deus. A consciência é, então, o órgão para o contato com Deus, para o querer de Deus.

Neste ponto esclarece o autor: "Ter consciência significa ser consciente por si mesmo do bem; mas na presença de Deus. Significa que em mim se afirma uma realidade absoluta, a qual abre meus olhos para me fazer ver as diretrizes, e me faz capaz de escolhê-las diante Dele, livremente". E prossegue: "Deus fará que a sua presença na consciência sincera adquira a liberdade de ver sem engano e de decidir justamente. A quem reza *Seja feita a Sua vontade assim na terra como no céu*, Deus dará a graça de uma consciência clara". (pág. 40.)

A situação adquire, assim, o seu significado último na Providência. A situação, na qual a cons-



ciência atinge o conteúdo específico daquele comando, é disposição querida pelo mesmo Deus.

“Dos dois lados fala Deus: do interior com a procura da consciência, e do exterior com a disposição das coisas. A palavra de um é esclarecida pela palavra de outro. O impulso sempre novo desta relação incita continuamente a vida moral do homem religioso. Daí nós compreendermos a palavra de Cristo: *Não vos preocupeis com o amanhã. Cada dia tem sua aflição*, e ainda, *Daí-nos hoje o nosso pão cotidiano*, que exprimem profundíssima dependência e vínculo e, juntas, perfeita abertura e disponibilidade.” (pág. 42.)

O entendimento com Deus afigura-se, então, não como um simples conhecimento, mas como um penetrar, avançar em interioridade, “um ser dentro até o fundo”. É o entendimento do homem aten-

to interiormente, e pronto para o querer divino que se manifesta no átimo da situação que se apresenta.

Na unidade da minha pessoa devo fazer o bem. Não posso ser substituído por nenhum outro, porque cada homem traz a marca terminal da unicidade em sua essência, que é o seu nome. Esse meu nome eu só o acho junto de Deus, que o sabe.

A essência do pensamento das duas primeiras conferências vem magnificamente sintetizada pelo autor: “Eu tenho conhecimento do bem infinito e simples, sei como ele se dirige a mim e comigo quer ser atuado; como ele se especifica na situação que continuamente se renova e me fala. Tenho conhecimento deste bem na presença de Deus, reconhecendo-o como um comando de Sua santidade. Só assim o meu olhar e o meu juízo tornam-se livres. Só assim adquire a posse de mim mesmo, do meu íntimo, do meu nome, que está entre eu e Deus e toma vida no momento que eu cumpro Sua vontade e santifico o Seu nome. Este meu nome essencial se mescla naquilo que tenho que fazer e o torna insubstituívelmente próprio. Assim eu me torno personalidade. Este mistério, em cujo contexto está presente Deus e o bem que Dele provém, e eu, enquanto eu, e com o nome recebido de Deus — este mistério é que forma a interioridade da consciência”. (pág. 47-48)

O Exercício de Recolhimento

Destaca o autor que o aperfeiçoamento intrínseco da consciência, do ponto de vista natural, se dá com o passar dos anos e com a experiência; entretanto, sob o aspecto da fé é coisa da Graça.

A formação moral e espiritual resume-se no exercício do recolhimento. O recolhimento baseia-se no fato de que no homem estão presentes duas direções: a do interior e a do exterior e vice-versa. Nele existe superfície e profundidade, periferia e centro.

Inicialmente sugere o autor que nos perguntemos acerca da existência de uma cela interior em nós. A resposta por certo será negativa. Tudo parece estar fechado, compacto, impenetrável. “Não reconheceremos em nós aquilo que os mestres dizem do mundo interior: do seu segredo e tranquilidade, de seus vários planos de profundidade, da plenitude da vida íntima, da sua potência, da grandeza de suas decisões. Esta é uma missão a se absorver. É preciso criar, ampliar, trazer de volta a cela interior. O mundo interior deve ser descoberto.” (pág. 58.)

Fala-nos, em seguida, do conceito de profundidade presente na cela interior: “Profundidade significa uma dimensão especial, diferente de quantidade ou extensão ou complicação. É estratificação para o íntimo, precisamente de maneira que os extratos, quanto mais interiores, tanto mais se tornam precioso-

sos, nossos, delicados, viventes. O pensamento mais simples pode ser mais profundo, e os sentimentos mais complicados, superficiais; e o sentimento mais forte pode ser superficial e a mais leve impressão, profunda. Esta profundidade vem conquistada, e quem a recebeu como dom deve cultivá-la". (pág. 59.)

Passa, neste ponto, a tratar da vigilância interior, a qual não se impõe naturalmente. Ao contrário, a tendência é a insensibilidade interior, a cegueira, a indolência do coração. Através da vigilância sente-se a potência e a plenitude da existência, em que o bem deve atuar, procurando-se minorar as imperfeições.

Chega-se assim ao recolhimento no sentido mais estrito: "Que toda multiplicidade das forças venha energicamente disciplinada por um ponto interior; que toda atividade tenha um só ponto de partida e, por vias freqüentemente desconhecidas, a ele retorne. Que a vida tenha um centro e por isso um ritmo." "A nossa vida é toda exterioridade; nela domina o acaso. As coisas exteriores, segundo se avizinham, se atiram a nós. Nós estamos sob o poder de todo bem e mal que nos atinge. As nossas forças se perdem em mil objetos. Muitos homens não têm a sensação, nem ao menos distante, de um centro. A experiência do próprio centro é bem determinada, e não vive em muitos, porque senão a nossa civilização seria bem diferente." (págs. 59-60)

Cela interior, profundidade, vigilância, recolhimento e centro são expressões diversas para dizer que o espírito é vigoroso. Tudo isso não nos chega por si. É preciso que nos perguntemos: se do nosso eu viessem suprimidas as coisas que possuímos, os órgãos do corpo, as sensações, eliminados os conceitos, as convicções, habilidades, o que restaria? Responde o autor: a alma espiritual, da qual depende a nossa salvação e dignidade. É por ela que nós somos, mas não a vivemos.

O exercício de recolhimento pode ser trazido na ordem na vida, nos objetos do quarto, na casa, nas ocupações do dia, na leitura. De fundamental importância é a educação dos sentidos e da atenção, visto que não temos nenhum escrúpulo em alimentar a nossa alma com pensamentos perversos e deteriorados. Devemos estar sempre atentos e nos conservar senhores de nós mesmos, mantendo esta independência em todas as situações.

A esta altura passa o autor a falar da solidão e do silêncio. No homem, por seu instinto gregário, parece haver a necessidade de sempre estar com muitas pessoas à sua volta, falar, escutar muito barulho, sem reservar nada para si mesmo sozinho.

A solidão, no entanto, é necessária para gerar maior profundidade interior: É preciso "não

correr subitamente para os outros, mas saber ficar sozinho. Enfrentar uma batalha sozinho, ainda que tendo alguém à mão para falar, com o único objetivo de adquirir maior independência de juízo e deliberação. Exercício de recolhimento seria ter para si uma história ou um acontecimento, um achado espiritual. Tudo isso pode custar um bom sacrifício, mas superando este instinto desenfreado de correr para os outros, de falar ou de escutar falar, se ganha em profundidade interior". (págs. 64-65.)

Finalizando, Guardini nos explica em que consiste o recolhimento, mostrando como ele age sobre a nossa vida modificando seu sentido: "Nas nossas ações e aspirações de todos os dias somos transportados pela corrente impetuosa dos acontecimentos. Recolhimento significa sair deste redemoinho e ficar em paz. Levar calma ao nosso ser, às nossas forças, à nossa vontade. Fazer penetrar a paz sempre mais profundamente em nós mesmos. Nós sempre estamos fazendo isto ou aquilo, estamos sempre em atividade, projetamos, queremos, organizamos. Quando não fazemos nada ficamos nervosos e, em torno de nós, sentimos o vazio. A voz tem um eco cavernoso, confuso; sentimo-nos pouco a vontade e nos entediamos. E além de todo o agir e o fazer, nós não somos, não existimos. Idolatramos a atividade e perdemos o homem.

Recolhimento significa sabermos não tanto fazer quanto viver. Ter uma existência tranqüila. Uma existência plena, livre da obsessão do fazer e do querer." (pág. 67.)

Estamos sempre atrás de uma coisa que não existe; lutamos por ela, e quando conquistada a jogamos pelas costas. Vivemos os acontecimentos tão rapidamente, que eles já não mais existem. Assim vivemos escorregando sempre entre o que não é ainda e o que não é mais.

Recolhimento é criar o presente; realizar o hoje naquilo que é concedido à nossa instabilidade; viver tranqüilamente o átimo fugitivo. Recolhimento quer dizer evocar nós a nós mesmos; evocar as nossas forças da dispersão à unidade.

"É assim, a consciência torna-se pouco a pouco aquilo que deve ser, segundo a sua essência: a voz vivente da Santidade de Deus em nós." (pág. 73.)

Tradução, seleção e comentários à obra
A Consciência do Pe. Romano Guardini.

MARIA LUCI BUFF MIGLIORI

A Simbólica da Luz, das Cores do Espaço e do Tempo

Não cabe à Simbólica o estudo da luz, como é feito na Ótica e na Física, mas tão somente o que se refere à sua significabilidade, — como motivante das cores — e o significado que estas tiveram, e têm, para o ser humano.

Entre nós, na nossa cultura ocidental, é de Goethe um dos melhores estudos sobre o simbolismo das cores. Considerando que a cor é o choque entre a luz e as trevas, as cores revelam, ora o predomínio das trevas, ora o da luz. Goethe estava reproduzindo um velho pensamento já esboçado, no Ocidente, pelo filósofo Nicolau de Cusa e por aqueles que se inspiraram em suas idéias, sobre a eterna e permanente luta entre as trevas e a luz. Observa-se presente esta concepção já na cultura alexandrina, entre os gnósticos, entre os egípcios e entre todos os que se dedicaram aos conhecimentos herméticos e iniciáticos nas diversas culturas. No entanto é preciso distinguir-se que, no pensamento iniciático, há uma nítida distinção entre a luz física e a luz espiritual. A luz estudada pela Física é a luz física, de origem eletrônica (esta tem sua origem nos saltos eletrônicos) e se dá quando os elétrons são suspensos das órbitas inferiores para as superiores e aí lançam partículas — fótons —, energias transmitidas, de intensidade heterogênea.

A luz espiritual, de grande complexidade, em linhas gerais refere-se em parte ao que os físicos, como Einstein e outros, viram-se



na contingência de examinar, e que Schoenberg chamou de “ondas imateriais”. Neste caso, não é o elétron que pilota uma onda, mas uma onda que pilota o elétron. A onda, que surge do elétron, teria uma causa eficiente em outro poder que ultrapassa o campo da eletrônica e da física nuclear, ultrapassando a dimensionalidade do mundo quaternário da Física, das dimensões que compõem o esquema cronotópico, ou seja, do complexo tempo-espacial.

Mas nossa preocupação é sobre os fenômenos cromáticos e seu significado. Vejamos um exemplo corriqueiro: em todas as regiões do mundo o arco-íris é climaticamente possível pois é observado na mesma gama de cores. São elas as cores do espectro: violeta, índigo, azul, verde, amarelo,

laranja e vermelho. Originariamente sinal mágico, símbolo da paz e da prosperidade — segundo a Bíblia, anunciou a Noé o fim do dilúvio — veio a tornar-se um fenômeno científico comum: a decomposição da luz branca pela refração dos raios solares nas gotas d'água. A célebre e famosa experiência de Newton, utilizando o prisma, não mudou nem perdeu seu caráter demonstrativo após o século XVII, mesmo que Goethe, no início do século XIX, tenha acreditado contradizer esta experiência através de seus argumentos filosóficos.

O caráter objetivo e universal do fenômeno das cores, após o conhecimento científico da medida do comprimento da onda de raios luminosos, concretizou a idéia de que as cores aparecem como quantidades ou frequências luminosas, e é invariável nos seus princípios do ponto de vista da Ótica e da Fisiologia. Entretanto, no campo da **Psicofisiologia** apresentam-se numa grande variedade, digna de breve menção.

Neste campo, várias experiências vêm sendo feitas, da maior importância. Basta dizermos que o vermelho ou o verde podem fazer mudar os processos biológicos, como o desenvolvimento de ovos de certos insetos (moscas, rãs, etc.). O azul acalma e o verde excita a circulação sanguínea. Nos hospitais psiquiátricos se pratica a **cromoterapia** (tratamento do enfermo por meio de iluminações coloridas prolongadas). Sabe-se que as **cores quentes** são as mais luminosas, as mais claras, e as **cores frias**, as menos luminosas, as mais escuras. Observa-se que no escuro a circulação sanguínea diminui e, mudando para a luz, acelera-se. Por outro lado, no campo da **psicologia das cores**, não há esta rigidez científica. Exemplos como a cor laranja que é para alguns incandescente, ardente e brilhante

(estimulante), pode tanto acalmar como irritar, segundo os casos. Para outros é vista como a cor da sociabilidade, amabilidade.

A linguagem cotidiana associa, constantemente, os sentimentos às cores: ver “a vida cor-de-rosa”, ter “idéias negras”. O “choque do preto” ativa, evidentemente, o imaginário (por exemplo, a interpretação das manchas de cor negra simétricas do teste de Rorschach). Às sombras, às trevas ligamos, esquematicamente, o medo, o pavor, o terror, o confuso. É das trevas que saem os perigos, enquanto da luz sai a vida, a criação, a tranqüilidade. E, como as sombras se esquematizam em estruturas de medo e de pavor, é natural que as trevas provoquem medo e pavor, pois são assimiladas ao esquema. O luminoso, por outro lado, liga-se a tudo quanto é alegre, criador, vivo, razão pela qual a luz é animadora, porque desde logo é assimilada a esquemas que se estruturam com agradabilidade.

Goethe estabeleceu o seguinte quadro, onde surgem as três cores elementares:



O azul com o vermelho nos dá o violeta. O amarelo com o vermelho, o laranja. O azul junto com o amarelo, o verde. Daí temos as seis cores: as três fundamentais e as três combinadas.

Entretanto, vejamos as outras combinações: o laranja com o vermelho dá o rosa; o alaranjado

com o amarelo, o amarelo-alaranjado; o amarelo com o verde, a cor de enxofre; o verde com o azul, o azul-esverdeado; o azul com o violeta, o azul-marinho, e o vermelho com o violeta, o púrpura e o marrom. Do púrpura ao enxofre temos as cores quentes; do enxofre ao violeta as cores frias se distribuem.

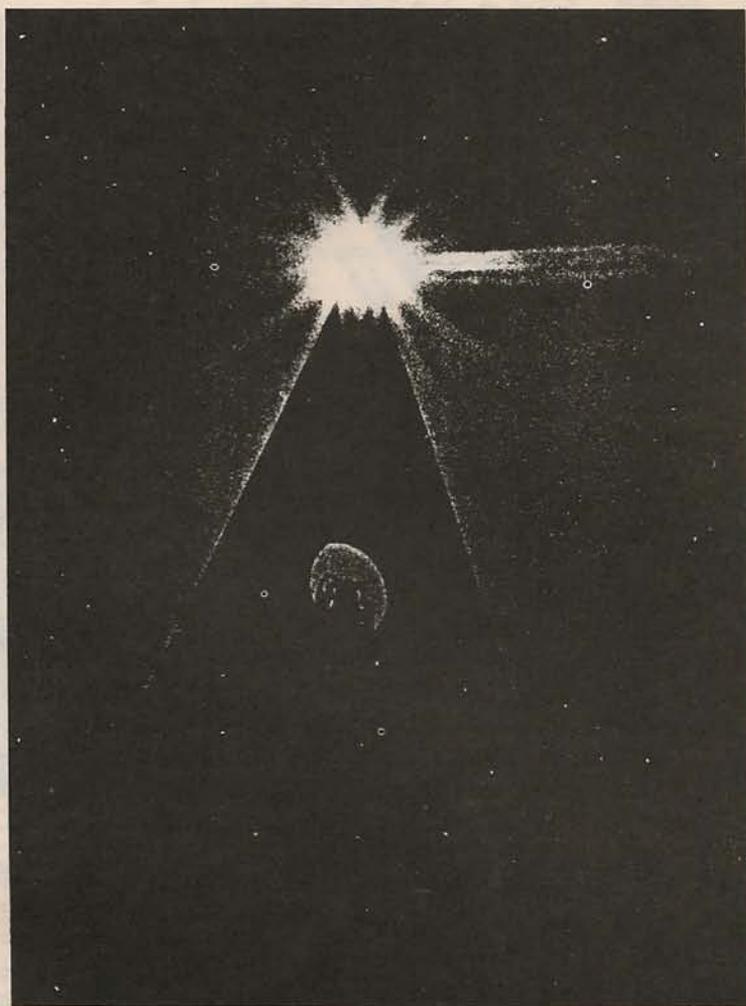
O simbolismo das cores

Azul — símbolo da verdade, da serenidade, da lealdade. Cor do pensamento elevado, cor aristocrática (por exemplo, o manto da Virgem). Os gregos não usavam, frequentemente, o azul e o verde. É a cor da profundidade, permitindo uma penetração do olhar. É a cor dos mares, das montanhas distantes, do céu profundo, das distâncias. Pertence mais à atmosfera que às coisas, anula os corpos. Símbolo, em algumas culturas, do infinito.

Vermelho — cor do sangue, símbolo da vida. Simboliza atividade, combatividade, ardor, choque, símbolo da paixão imperiosa, do sentimento. Cor da sensibilidade, cor popular, excitante. Ligada às revoluções (as bandeiras e estandartes vermelhos).

Púrpura — cor dos mantos cardinais, cor da majestade, símbolo da realeza, da aristocracia dominante, dos mantos imperiais. Símbolo da autoridade, do poder, do mando (cor que une os extremos).

Amarelo — cor do mundo transcendente, da revelação que ilumina o espírito humano em trevas. Nas virtudes teológicas, simboliza a fé; nas virtudes mundanas, significa generosidade do coração, inspiração feliz, bom conselho. Na ordem dos vícios, simboliza o egoísmo orgulhoso. Se é amarelo pálido simboliza decepção, traição, característica também do enxofre. É a cor da luz, do ouro, da intuição.



Verde — cor da natureza, da criação, do renascimento, também da vida. Simboliza revelação. Nas virtudes teológicas é o símbolo da esperança. Símbolo do amor feliz, da alegria, da prosperidade. Em sentido negativo é degradação moral, desespero, loucura. É, por outro lado, uma cor apaziguante, tranqüilizadora, apassivadora. Por isso pode simbolizar, também, submissão.

Branco — embora não seja propriamente uma cor, o branco reflete o absoluto, o triunfo dos eleitos, dos anjos. Cor de Jesus Cristo, dos pitagóricos, dos essênios. Nos sonhos é comum surgir uma figura patriarcal, de longas barbas brancas, vestida de branco, que dá conselhos. Este símbolo é

universal e tem este significado em várias culturas. Contrariamente pode simbolizar frieza, angústia, abandono.

As cores intermediárias têm significações intermédias. É comum sentir-se no **violeta**, símbolo do místico, um leve iluminar de luz sobre trevas. Também aparece como a cor dos vencidos, mas não é símbolo universal. O **preto** é um símbolo de luto. Entretanto, os chineses costumam vestir de branco quando da morte de alguém. O branco não é que seja cor da tristeza, da dor, é que os chineses têm uma visão pessimista da vida, portanto consideram a morte uma libertação. Morrer é salvar-se!

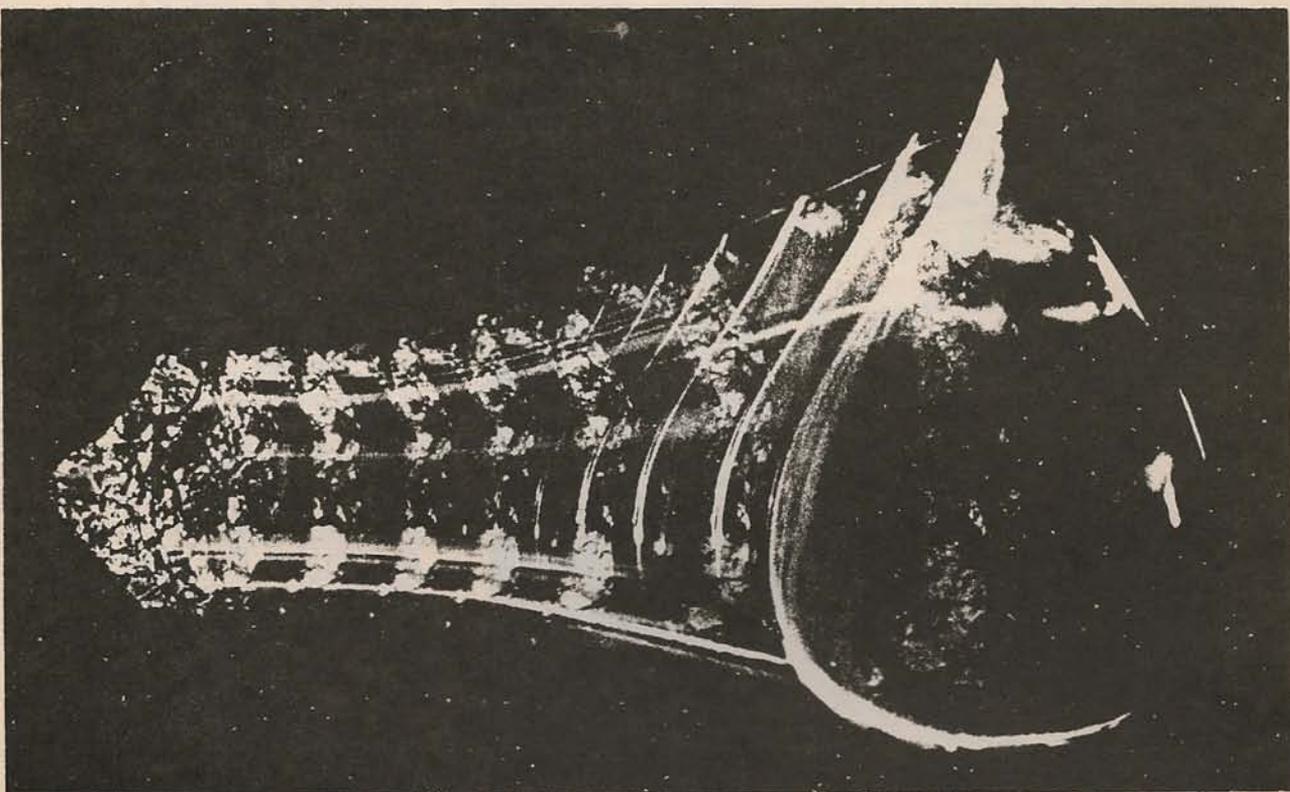
Aqui, obviamente, não desenvolvemos de maneira exaustiva

a simbólica das cores e da luz em toda sua complexidade, nem tratamos pontos, como o das relações que a sociedade mantém com as cores e o da psicologia das cores, que é outro campo da questão. Observa-se que os sentimentos que despertam as cores não surgem do nada (*ex nihilo*). Elas também não são ligadas à essência de tal ou tal cor. Admitindo que elas nasçam das “emoções” psicológicas que as cores provocam (como o vermelho que excita, o azul que acalma) ainda é necessário que as “sensações” elaboradas pelo córtex sejam interpretadas pela consciência do indivíduo. Esta interpretação que associa às sensações luminosas valores sentimentais depende da cultura do indivíduo e portanto, a graus diversos, do grupo social ao qual ele pertence. Assim há uma relação estreita, como se pode observar, codificada e controlada da sociedade em relação às cores; em alguns casos quase “arcaicas” ou como “códigos rituais” onde ela é usada com precisão e sancionada pela própria sociedade.

É o caso por exemplo de um guerreiro adotar a cor do feiticeiro; ou serem usadas cores de um ritual em outro. É o que tratamos no artigo *A cor e a sua função simbólica em algumas culturas* publicado no nº 33 da Thot.

A Simbólica do espaço e do tempo

É a Simbólica demasiadamente rica de sugestões e de ensinamentos. Assim, o simbolismo que captamos nas coisas não é apenas um trabalho intelectual, é afetivo também! A intelectualidade, que trabalha tanto *a priori*, na arte só pode realizar o que de proveitoso se apurar *a posteriori*, porque a arte, como atualização da estética através do homem, trabalha com singularidades; e eis o motivo porque a razão é sempre estranha, mal colocada, como quem



nos visita sem que o desejássemos...

Como já vimos anteriormente, os **símbolos** são polisignificantes e os **simbolizados** polisignificáveis; desde que compreendamos que um símbolo é símbolo de tantas coisas que variam segundo o ciclo histórico, os grupos sociais e até os indivíduos, compreenderemos que a música tem uma linguagem como tem tudo quanto se exterioriza, porque se expressa. Se o intelecto coloca, dá, empresta significados, não é apenas ele quem procede assim, é também a nossa afetividade. Tendemos, por necessidade intrínseca, a construir esquemas eidéticos de nossas experiências e do que distinguimos dos fatos que se dão. E vão ser esses esquemas, como sobretudo os afetivos, que se acomodam, no artista, aos fatos do mundo exterior. É o artista, assim, um mecanismo de vibráteis esquemas na expectativa do que acontece. E, ao surgirem, assimila-os ou não... Mas o artista

tem uma característica muito análoga ao homem que dorme, que sonha, que fantasia: é que a acomodação de seus esquemas são os da sensibilidade, do sensório-motriz, e também esquemas afetivos, que constituem os elementos da intuição sensível. Daí que a acomodação do artista não vem a ser o bastante suficiente para uma inteligência meramente do real — **realismo** — e caso se dê, ela vem a ser **cerebralizada**, pois nele a assimilação é muito mais intensiva e daí ele comparar, fantasiar, criar imagens novas, em suma, poder-se-ia dizer: é um **captador de símbolos**.

Nisto se vai diferenciar do cientista porque este é mais realista e capta os símbolos como fatos, e ele capta estes mesmos fatos como símbolos.

Para isto vai utilizar uma gama imensa de meios para transmitir as suas impressões, os seus sentimentos. Nietzsche afirmou que: “Desde que nos entendemos

por gestos, pode nascer uma “simbólica” do gesto: quero dizer que se pôde empregar a linguagem dos sons com a condição de que antes se produzisse o som e o gesto (ao qual se ajuntava como símbolo) e, mais tarde, somente o som. Parece, pois, que numa época muito antiga terá assim sucedido, frequentemente, o mesmo que sucede agora aos nossos olhos e aos nossos ouvidos no desenvolvimento da música, sobretudo da música dramática; enquanto que, primeiramente, a música, desprovida da dança e da mímica (linguagem dos gestos) que a explica, é um ruído vão. O ouvido, por um longo costume desta associação de música e movimento, aprendeu a interpretar imediatamente as figuras dos sons e chegou, finalmente, a um grau de compreensão rápida, em que já não tem necessidade de movimento visível, e “compreende” sem ele, o compositor. Fala-se então, de música absoluta, quer dizer, de música da qual tudo é

imediatamente compreendido como símbolo, sem necessidade de nenhum auxiliar”.

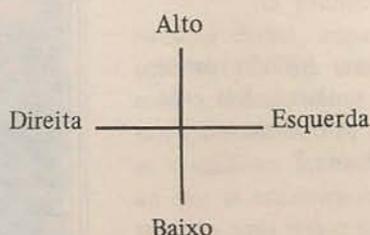
Observa-se, assim, que a dança como a mímica, que pertencem ao campo dos movimentos rítmicos expressivos, são **artes do tempo** já que se desenvolvem na sucessão e vão formar, entre as linhas sonoras da música, uma expressão de gestos. Estes, por sua vez, são uma expressão da afetividade que é uma expressão do mais profundo das raízes somáticas, do sensorio-motriz, do corpo, da carne, da vida. E a vida nada mais é que uma grande simbólica de todo o existir, de toda a ordem cósmica do existir...

Desta forma se vê que a Simbólica do **tempo** e do **espaço** é de uma grande riqueza no campo das artes. Sendo ambos esquemas fundamentais da nossa experiência estão sempre presentes. Tudo do qual temos conhecimento se dá dentro destas duas coordenadas e daí a divisão clássica das artes em **Artes do Espaço** e **Artes do Tempo**. Nas chamadas **Artes do Espaço** temos a pintura, a arquitetura e a escultura e nas do **Tempo**: a literatura, a música e a dança. Nas primeiras predomina o **simultâneo** e nas do tempo a **sucessão** porém se interpenetram também. Nelas vai se dar uma Simbólica presente que, no caso do espaço, nos é revelada pelas linhas e pelos planos e cubos, e combinadas à **Simbólica das cores** ajuda na compreensão das Artes Plásticas.

A Simbólica do **espaço** e do **tempo** pode ser visualizada sob cinco aspectos:

- 1) sentido da direção, vector;
- 2) a dimensão dos planos e volumes;
- 3) a ordem (o ritmo, a harmonia, etc.);
- 4) a forma (parte qualitativa);
- 5) a continuidade ou descontinuidade nas ligações.

Poder-se-ia colocar numa cruz — como ponto de partida — para uma análise simbólica das direções e das sucessões relativas à **Simbologia do espaço e do tempo**.



Dentro do campo do simbolismo universal, a esquerda sempre significa o passado e a direita, o futuro. Outras conotações são dadas a ambas direções:

Esquerda

Passado
Símbolo da mulher
Símbolo do Mal
Introversão
Subjetividade
Passivo
Recuo
Mãe

Direita

Futuro
Símbolo do homem
Símbolo do Bem
Extroversão
Objetividade
Ativo
Ataque
Pai

O **alto** e o **baixo** também apresentam aspectos simbólicos universais como se dá com a **esquerda** e a **direita** — nos seus sentidos positivos e negativos.

Baixo

Terra
Inferior
Materialidade
Trevas
Instintos
Realidade
Descrença
Homem

Alto

Deus
Superior
Espiritualidade
Luz
Inteligência
Sonho (ilusões, ideais)
Fé
Divindade

As linhas ascendentes são sempre símbolo de elevação, ascensão, ímpeto criador para o melhor, o mais alto e também ao quimérico, ao utópico, ao idealístico, ao otimismo, etc. As descendentes simbolizam o pessimismo, a queda, o demoníaco, o realismo, o materialismo, a depressão, a obstinação, a teimosia.

As linhas, como símbolos do tempo e do espaço, indicam, sempre, em todos os povos e em todas as eras, essas simbolizações universais.

As linhas **horizontais** são sempre índice de placidez, tranquilidade, mansidão, eternidade (como se vê na arte egípcia). As **ascendentes**, impulso, elevação, (como no gótico).

No caso das linhas **aceradas** indica maldade, hesitação, espírito quimérico, fraqueza. Quando sofrem **cortes** significa fadiga, pessimismo, estreiteza de idéias. As **espasmódicas** indicam angústia, ansiedade. Quando **finas** — são índices de modéstia, debilidade, fraqueza e graça. **Espatuladas**: violência, exaltação física.

Há, sem dúvida, um simbolismo universal das linhas curvas e das retas. A linha **oblíqua** por sua vez dá sensação de ascensão, de expansão quando extensivamente considerada, enquanto a vertical elevada expressa expansão intensiva.

Uma análise mais pormenorizada das linhas nos auxiliaria muito na interpretação das Artes Plásticas, especialmente onde elas se fazem mais presentes, e cuja simbologia é atuante.

YOLANDA LHULLIER DOS SANTOS
Professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orfeu: nascimento

"Toda a voz do Oceano Infinito canta na cavidade singela de um molusco. Sua vida é participação, ainda que por instantes, de um beijo, de um abraço divino."



"divino" Platão e posteriormente a Escola de Alexandria sustentavam que existe na alma uma faculdade superior ao entendimento racional, passível de ser desenvolvida pelo entusiasmo. O entusiasmo, no seu verdadeiro sentido (*en-theos*, estar em Deus), desenvolve a inspiração divina produzindo o êxtase.

Nas escolas místicas da Índia, ensina-se que o êxtase se produz quando a alma abandona sua esfinge terrestre e submerge no oceano do espírito. O asceta perde consciência de sua própria individualidade e se converte no Todo, mergulhando no Ele coletivo. Este arrebatamento íntimo produz o "silêncio religioso" da mente finita tentando compreender o infinito, e permite ouvir, nas profundezas da alma, a voz do Universal, do impessoal, o que os gnósticos chamavam o Abismo.

Nas escolas ortodoxas hindus, o êxtase é considerado um modo de reintegração quebrando a ilusão da separatividade. Em um primeiro estágio a alma penetra a essência da natureza eterna e esta lhe comunica, sem símbolos, a Verdade-Luz. Em um segundo estágio, o enlevo pasma a alma, que é arrebatada pelo Espírito até o mundo dos arquétipos celestes, divinos.

Estas experiências de êxtase místico são comuns a todas as profissões de fé, recebendo diferentes nomes segundo sua origem, como: samádi, satori, furor, delírio sagrado, ou hierogamia, e seria próprio da vida contemplativa, vida angélica ou, como dizia Plotino, "vida sem corpo, no corpo".

Platão define o êxtase como a iluminação da alma pelos deuses ou gênios que doravante, sob a influência divina, engloba todas as coisas e prevê o futuro. Todavia, classificava o entusiasmo, o êxtase, em quatro tipos: em primeiro lugar, o êxtase musical; em segundo, o teléstico ou místico; em terceiro, o profético; enfim, o quarto, aquele que se refere ao amor.



A Primavera de Sandro Botticelli. Detalhe: As Três Graças.

do panteão grego



Cornélio Agrippa, no terceiro volume de sua *Filosofia Oculta*, faz um extenso comentário sobre esta classificação quaternária, afirmando que o primeiro êxtase procede das Musas, o segundo, de Dionisos, o terceiro, de Apolo, e o quarto, de Vênus.

O primeiro êxtase imanta a inteligência, tornando-a divina, capaz de atrair as influências superiores pela virtude das coisas naturais (plantas, perfumes, voz, música, harmonia, afeições da alma, imaginação impetuosa). As Musas são as almas das esferas celestes que dirigem as qualidades atraentes das coisas materiais, com relação ao que se encontra no alto. O êxtase musical deve ser entendido aqui como uma arte divina e não somente como arte. Música é o farfalhar das asas de anjos, meio de alcançar analogia, o desconhecido a partir do conhecido. O segundo êxtase se alcança pelas cerimônias e rituais, sacramentos, solenidades e pompas religiosas. Sublima a alma na região espiritual. O êxtase de Dionisos faz de nossa alma um templo purificado, digno de ser visitado pelos deuses e, quando eles aí vão habitar, há efusão de alegria divina, de sabedoria infável. O terceiro êxtase, proveniente de Apolo, obtém-se pelos mistérios sagrados, as adorações, as invocações e por virtude dos objetos consagrados. É o espírito das profecias que desce sobre um mortal e o invade completamente. Purificada a alma pelo todo-poderoso amplexo de Deus, vaticina os oráculos de suprema sabedoria. O quarto êxtase, presença de Afrodite, identifica a alma humana à natureza divina, fusão temporária da alma humana transfigurada pela divindade transfigurante, que lhe infunde sabedoria em um abraço sublime, transpondo os limites do entendimento. É a razão pela qual Orfeu considerou o amor cego como superior ao entendimento humano.

Nestes quatro exemplos de fenomenologia espiritual reside o arcano da alma humana, obscurecida momentaneamente pelos sentidos, porém, através dos êxtases que, como agulhão fulgurante de um pensar sem pensamentos, ou como a flama criadora da arte, ilumina espontaneamente e por intervalos a lugubridade do existir.

A lenda de Orfeu ou *Arpha* (de *aur*, luz; e *rophae*, curar) — “aquele que cura pela luz”, três vezes coroado, nos infernos, na terra e no céu, filho de Apolo, gênio da Grécia sagrada — nos narra sua visão extática das Musas.

Imobilizado de estupor, escutou o canto das filhas de Zeus e Mnemósine, que vendo nele um eleito mensageiro da renovação religiosa assim falaram para sua alma:

— Eu sou Calíope, a Musa da palavra profunda e inspirada. Orfeu, não expliques os deuses que con-

cebes, canta-os como um poeta, e teu canto os vestirá de bondade e beleza profunda.

— Eu sou Polímnia, a Musa dos hinos religiosos. Predica através de hinos mágicos a religião da beleza. Inspirarei em ti os poemas hexâmetros, que são os mais firmes, os mais melodiosos e solenes dos versos, gratos aos homens, gratos aos deuses.



Clio

Erato

Euterpe

Polimnia

Caliope

Terpsícore

Urânia

— Eu sou Urânia, a Musa celeste. Não esqueças nunca que cada divindade do alto panteão que concebes tem seu espírito num astro. Invoca os deuses com os números, ângulos e medidas do universo. Servir-te-ei de vínculo.

— Eu sou Euterpe, a Musa da música. Afina tua lira com os astros e que com ela vibrem as esferas celestes, pois com a música poderás transmutar a alma de todos os seres.

— Eu sou Erato, a Musa do grande amor. Acenderei teu coração de amor divino e humano para que sejas um mensageiro completo dos deuses na terra. Somente através de um grande amor consolidarás teu ideal entre os homens.

— Eu sou Clio, a Musa da história. Fixarei tua obra e tua vida na memória dos homens como exemplo de plenitude, de felicidade para as humanidades vindouras.

— Eu sou Terpsícore, a Musa da dança. Que tua prédica de mística beleza tenha um movimento: a dança que os astros em seus círculos estelares realizam no céu. Pela dança, corpos e almas se modelarão em beleza. (1)

Em meio a músicas inefáveis a visão desvanecia-se. Orfeu emergia do encanto extático, arrebatado intimamente, porém antes que sua alma pudesse refletir sobre os acontecimentos que plasmavam seu entendimento, uma outra visão teofânica o invadiu: as Cárites, as Graças, as inseparáveis irmãs que acompanham Afrodite, manifestaram-se desejosas de outorgar-lhe seus dons.

Foi Sofrosina, a alegria, quem primeiro lhe disse: “A beleza sem graça seria apenas contemplativa. Lembra, Orfeu, que a alegria é a mais alta e a mais eficaz das orações informuladas”.

Por sua vez, Talia, a graça propriamente dita, lhe aconselhou: “Adorna as almas como eu adorno as plantas com flores. Transforma-as em jóias brilhantes. Aprende de mim que com o orvalho visto os prados da terra como reis e rainhas. Constrói para os homens uma divina e eterna primavera do espírito”.

Por último, Aglaé, a resplandecente, a terceira das inseparáveis irmãs, falou-lhe: “Eu te concedo a graça da presença e da simpatia, o toque que capta, o magnetismo que seduz, a atitude que convence.”

E, da mesma forma que as Musas, as Cárites desvaneceram-se.

Orfeu, recobrando-se de suas visões teofânicas, compreende, sem entender como, compreende os deuses, a ordem de como as coisas vieram a ser. Transfigurado, ordena o sagrado. O sentir confuso, o tempo mágico, por sua palavra é agora tempo sacro, religioso. Nasce o panteão grego.

“Na vida nos protegerá ZEUS, todo-poderoso, na morte, HADES, o invisível, como um pai bondoso. No mar, POSEIDON nos instruirá na perseverança, com os ritmos vitais das águas. Na terra, DEMÉTER, a grande mãe, nos ensinará a proteger os homens como ela faz com as frágeis sementes que com esperança são depositadas em seu seio. ARES nos dará valor para vencer nossos inimigos internos; e com AFRODITE, aprenderemos sobre o amor e a ternura. Com HÉSTIA, estreitaremos os vínculos familiares, e homens e mulheres estarão juntos para se honrarem mutuamente. HERMES, com sua luz maravilhosa, iluminará nossas sombras e as do mundo...”

BASILIO PAWLOWICZ

(1) Talia e Melpômene, Musas da comédia e da tragédia, respectivamente, não aparecem nesta lenda por terem sido incorporadas posteriormente.

O Espírito da Oração no Século XX

*Palestra proferida pelo Prof. PhD. José Luiz Archanjo,
no auditório da Associação Palas Athena do Brasil,
em 11 de julho de 1985.*



Teilhard de Chardin

E realmente um prazer muito grande estar de volta mais uma vez à Associação Palas Athena. Fui apresentado como um amigo da casa mas, realmente, sinto-me aqui num daqueles raros templos do saber, no sentido mais mágico, mais religioso, mais profundo. E, portanto, mais do que um amigo da casa, sinto-me um adepto da casa, um filiado a esta instituição, compartilhando de suas idéias e esperando merecer também partilhar de sua luz para, na medida do possível, trazer um pouco da minha luz e fazer que esta chama brilhe cada vez mais alto. E é também uma alegria enorme encontrar uma sala lotada para ouvir falar de oração! É muito estimulante, realmente! É sempre uma oportunidade de rever os amigos, os irmãos mais amados. E isso me comove.

Cumprir observar que muitos daqueles que me acompanham sabem do quanto meu pensamento foi profundamente influenciado e marcado, moldado e formado, pelo pensamento de Pierre Teilhard de Chardin.

Estou preparando para o fim deste ano uma edição crítica, em língua portuguesa, de *O Fenômeno Humano*, a obra máxima de Teilhard de Chardin. É um trabalho no qual realmente pretendo, sobretudo com a introdução, comentários e o estabelecimento de um glossário, de um vocabulário teilhardiano, realizar aquele voto de consagração final de meu pensamento, de minha vida, de minha obra e da minha ação como homem, como espiritualista, como cristão, a esse grande sábio iluminado.

Portanto, quando me proponho falar do "Espírito da Oração no Século XX", pretendo, de fato, falar da grande proposição de espiritualidade teilhardiana no século XX.

Acredito que, em termos de catolicismo, Teilhard representa uma espécie de luz que brilha no fundo do túnel, um respiradouro para o homem cristão do século XX. E é fascinante ver como suas proposições surgem, não apenas no seu pensamento, mas também através da sua obra, do seu testemunho e até do seu exemplo de vida. Uma das coisas que mais impressionam àquele que se aproxima da vida ou da obra de Teilhard de Chardin é sempre a presença de um otimismo a toda prova, que não é um otimismo ingênuo, não é um faz-de-conta, não é um jogodo-contente. A força moral desse homem é comovente: diante dos piores embates da vida o seu otimismo persiste! E vejo neste século, neste tempo em que vivemos, que otimismo, esperança, é aquilo de que realmente necessitamos para poder ainda lutar e cumprir a nossa missão como homens na Terra. E fica-se curioso de saber de onde é que Teilhard tirava sua força otimista, de onde é que ele tirava tanta energia para tanto otimismo. Sempre me impressionou uma afirmação que se encontra nos diários de Teilhard, já dos últimos anos de sua vida: "Que a minha filosofia seja mais ou menos hábil, que as minhas idéias passem ou não, sejam bem sucedidas ou não, eu quero que fique para sempre que um homem médio do século XX, por participar normalmente das idéias e preocupações do seu tempo, só conseguiu encontrar o equilíbrio da sua vida numa concepção fisicista e unitária do mundo e do Cristo, e que aí ele encontrou uma paz e uma alegria sem limites" Essa afirmação me impressionou muito e é, praticamente, a partir dela que eu pretendo desenvolver algumas idéias sobre o "espírito da oração".

Analisemos por partes. Teilhard se diz "um homem médio do século XX, por participar normalmente das idéias e preocupações do seu tempo..." Quem foi esse homem do século XX que participou normalmente das idéias e preocupações do seu tempo? Em 1º de maio de 1881, nascia o quarto dos onze filhos da família Teilhard de Chardin. Desde pequeno, o menino manifestou uma atração pelo Absoluto, aquilo que ele chamava de "Único-Suficiente-Necessário, Algo ou Alguém, que pelo simples fato de eu saber que existe me dá uma segurança, uma paz, uma alegria interminável". E mais tarde, o próprio Teilhard identificou essa atração como sendo a sua paixão pelo Absoluto, que ele explicou desde muito cedo. Há um acontecimento curioso na sua infância. Uma noite de verão, o menino de dois anos e meio para três não conseguia dormir;

sua ama o toma nos braços e leva-o para o pomar da casa e, parando embaixo de um pessegueiro onde havia frutos enormes, dourados e maduros, pergunta a ele: "Pedrinho, você quer um pêssego? Mostre qual?" Ele aponta e ela cai numa grande gargalhada e diz: "Ah! Pedrinho, aquele pêssego nunca ninguém vai poder lhe dar". Porque o menino estava apontando para a lua que brilhava no céu, amarela e redonda. Aquele era o pêssego que ele queria...

Talvez tenha sido exatamente essa sua atração pelo Absoluto, pelo Estável, pelo Interminável, que o levou desde muito cedo aos caminhos da pesquisa científica. Num sentido muito amplo, a Terra, as pedras, o mineral e ainda essa paixão pelo Absoluto, talvez o tenham levado, aos dezoito anos, a ingressar na Companhia de Jesus, em busca de aperfeiçoamento espiritual. A formação de um sacerdote jesuíta exigia que ele tivesse também, antes de se ordenar, uma grande experiência de magistério. Então, depois de fazer os seus primeiros estudos de Filosofia, na Inglaterra (porque na França, naquele tempo, predominavam leis anticlericalistas), Teilhard foi direto para o Egito, lecionar Ciências Naturais, Física e Química. Muito jovem ainda, portanto, ele teve o seu primeiro contato com o Oriente e essa experiência o marcou definitivamente. Ele, sedento de Absoluto, com essa paixão pelo Único-Suficiente-Necessário, estava todo pronto para aquela grande abertura mística. Ele próprio confessa que sorveu o Oriente com avidez, nas suas paisagens, na sua fauna, nos seus desertos, na sua luz, na sua cor, e que foi esse quicá o momento em que a tentação de pender para o panteísmo foi mais forte, tanto ele sentia a presença de Deus na Natureza.

Volta para a Inglaterra, depois de três anos no Egito, para concluir seus estudos de Teologia. E aquele grande sonho místico começa a tomar uma forma mais definida para ele. A unidade do mundo, o que dá unidade ao mundo, o que faz com que tudo esteja se fazendo, se perfazendo, é realmente o desejo que esse Ser Absoluto tem de se manifestar a nós através da Matéria e da Vida. Nesse sentido, Teilhard vai compreendendo muito mais que, se há um Deus, se há um Absoluto imanente na Natureza — daí sua tentação para o panteísmo — há também um Absoluto transcendente, no sentido de que a Natureza está imersa dentro Dele, que Ele engloba essa Natureza.

Em 1911, depois de sua ordenação sacerdotal, Teilhard passa a desenvolver suas atividades como paleontólogo através de toda a Europa. Mas, a tudo isso (a esse percurso tão bonito, humano, intelectual e espiritual) estavam faltando (porque era também um percurso iniciático) certas provas,

certas iniciações. Teilhard necessitava de uma iniciação "humana", além de sua formação "humanista". E teve seu "batismo de fogo" quando foi incorporado no serviço militar em 1915, participando da Guerra de 1914-1918. Ele poderia ter sido incorporado como capelão do seu batalhão, mas o foi como maqueiro, como padioleiro. Sua função na Guerra era recolher mortos e feridos no campo de batalha. Que experiência para ele, vivenciar aquela camara-dagem rude das trincheiras, a convivência com os soldados, também o seu contato humano com a morte, com o sangue, com a dor, com o sofrimento! E a sua postura não foi a de quem estivesse lá como sacerdote a dar extrema-unção aos moribundos. Não, muitas vezes Teilhard, sob o fogo de metralhas, foi até o campo inimigo para recolher mortos e feridos, em autênticos atos de bravura como soldado. Sua atuação foi tão heróica que, de fato, ele acabou por conquistar duas citações, uma medalha militar e a medalha da Legião de Honra, sendo mais tarde, promovido a oficial.

É surpreendente constatar que Teilhard começou a escrever sua obra na Guerra. Os primeiros escritos, em que já se mostra o amadurecimento do seu pensamento, estão todos reunidos num volume chamado *Escritos do Tempo da Guerra*. Isto quer dizer que ele começou realmente a desenvolver suas idéias no campo de batalha. E a epígrafe desses escritos é: "Eu escrevo estas linhas por exuberância de vida e alegria de viver..." Um homem que estava em contato cotidiano com a morte, com as dores extremas, afirma que em tudo existe um sentido maior, e que as pulsações da Vida, mesmo nas piores circunstâncias, são belas e positivas como as dores de um parto. Através delas o Mundo, o Homem e Deus nascem para nós. Repito: as pulsações da Vida, mesmo nas piores circunstâncias, são belas e positivas como as dores de um parto. E foi, portanto, com esta visão que em 1918, terminada a Guerra, ele professou os seus votos solenes. Sua tese de doutoramento foi defendida na Sorbonne, quatro anos depois, em 1922, e logo em seguida foi convidado a ser professor de Geologia no Instituto Católico de Paris. É então que ele vai trabalhar com o famoso Abbé Breuil, o homem que praticamente nos abriu o livro da pré-história. Hoje em dia, quando admiramos os desenhos das grutas, os desenhos de Lascaux, de Altamira, etc., sabemos dever tudo isso ao trabalho do paleontólogo Abbé Breuil; e Teilhard de Chardin foi seu colaborador íntimo.

A sua preocupação, sobretudo depois do "batismo de fogo" na Guerra, não era rezar no templo, pontificar entre os já iniciados ou adeptos, desenvolver a espiritualidade nos climas já espiritualizados, mas sim levar tudo isso ao seio das reali-

dades as mais pagãs, as mais naturalistas, as mais materialistas. E ele se sentia como uma espécie de mediador entre dois mundos, quer dizer, "já que tenho todo este mundo da ciência, da matéria, da história humana", e "já que em mim existe toda essa paixão pelo Absoluto, toda essa tendência mística, quem sabe eu possa traduzir a linguagem de um mundo para o outro e vice-versa, e assim sugerir uma síntese, um itinerário, um caminho de união?" Uma comunhão com Deus mas através da Terra. "Talvez eu possa unir em mim o místico, o cientista, o filósofo e, ao fazer isso, esteja operando a grande síntese entre a Religião, a Ciência e a Filosofia? Eu tentarei ser sim, e sempre, um cristão no sentido mais ortodoxo do termo, mas quero repensar a minha religião e descobrir uma linguagem própria para este tempo em que vivo, sendo assim o mais objetivo, prático, imediato possível." Este talvez seja o grande drama da maioria das pessoas que hoje em dia, ou não crêem, ou derivam para formas muito primitivas ou ingênuas de crença, que são sempre credices ou superstições, mais do que uma fé. Porque a verdade é essa: recebemos uma instrução religiosa nos anos da infância, e depois recebemos uma instrução científica, histórica e de conhecimentos gerais. Crescemos e lemos, ouvimos e vemos tanto que nosso vocabulário se amplia enormemente. Quantas palavras conquistamos depois do nosso curso primário! Nestas alturas, talvez já tenhamos viajado e conhecido geograficamente, ao vivo, coisas que estudamos nos livros... Quer dizer, não precisava aquele esforço mnemônico para decorar os afluentes das margens do rio Amazonas. Era só fazer uma viagem de barco pelo rio Amazonas e guardaríamos os afluentes de cor. Então, ampliamos os conhecimentos de Geografia, depois entendemos um pouquinho mais de Política, e assim vamos ultrapassando certas ingenuidades, aprofundando outros conhecimentos, enriquecendo o vocabulário, com isso enriquecendo as idéias, e um belo dia a gente olha e diz: "Ah! Nada de Deus que criou o mundo em sete dias; nada dessa bobagem de Adão e Eva, de pecado, de Paraíso..." De fato, nada do que sabemos, nada do que sentimos, do que aprendemos a amar, cabe mais naquela caixinha de fósforo que é o Catecismo, que muitas vezes se estudou para a primeira comunhão, quando nos ensinavam o que podia ser compreendido por crianças da nossa idade. Assim, crescemos em todos os sentidos e, de repente, religiosamente ficou apenas a memória: "És cristão?", "Sim, sou cristão pela graça de Deus"; "Então há três deuses?" "Não, são três pessoas distintas, mas há um só Deus". Quer dizer, perguntas e respostas de Catecismo. E o quanto já crescemos em termos

de amor? Quantas vezes já nos apaixonamos e quantas vezes já sofremos ou nos alegamos por amor? Quantas vezes vivemos momentos de plenitude em que sentimos "Deus chegando tão depressa" em termos de amor?! E o que fez o nosso coração em termos religiosos? Quanto já crescemos ou procuramos crescer em termos de religião? É isso que Teilhard propunha realmente: que pudéssemos traduzir, repensar toda essa nossa religiosidade, toda nossa espiritualidade, em termos existenciais, da nossa vida, das nossas experiências de vida e do nosso enriquecimento e crescimento como ser humano.

É evidente que ele estava propondo isso mais ou menos em 1918-1920, e as pessoas não estavam preparadas para tanto. Por esse motivo, por temor dos seus superiores eclesiásticos ou, como querem alguns, por sabedoria e cautela dos jesuítas, Teilhard foi "convidado" a ajudar o Padre Licent numa missão paleontológica em Tietsin, a alguns quilômetros de Pequim. Teilhard vai para a China e, com certas interrupções (quero lembrar pelo menos de várias viagens que ele fez pelo próprio Oriente, e mesmo de quatro idas aos E.U.A. para participar de congressos de Filosofia), só vai sair definitivamente de Tietsin em 1946. Isto quer dizer que grande parte de sua vida, ele a passou na China. E o que encontramos no diário de Teilhard, no dia em que toma conhecimento de tudo isso, é o seguinte: "Para que as idéias triunfem, é preciso muitas vezes que os seus defensores morram obscuramente. Se as minhas idéias tiverem que passar, elas valerão por si e passarão". E é na China onde mais se preocupa em tirar das circunstâncias o melhor possível, ou seja, aquela grande confiança numa certa paternidade divina. Nós perguntamos continuamente: "Por que é que foi me acontecer isso?", "Que mal eu fiz a Deus para trabalhar com essas pessoas?", "Como é que eu vim parar aqui?" E de repente, acontece que se pára, pensa e diz: "Meu Deus, mas eu não posso ter ganho aquela maratona de espermatozoides — que eram alguns milhares —, minha mãe ter me carregado nove meses, terem me amado tanto, ou ter vencido tantas improbabilidades, etc., para chegar e dizer 'Está bem, agora é para você ser infeliz'". Isso seria um absurdo e um desperdício energético do mundo! Do mundo, quando não de Deus, da própria Vida, da Evolução, da Matéria; de fato, seria um desperdício! Então vem aquela preocupação: "Por que é que eu vim parar aqui?", "Para quê?" E Teilhard, ao se fazer essas perguntas, percebe que está num lugar próprio para começar a pesquisar as origens humanas. Talvez de tanto se perguntar "Qual é o meu lugar em tudo isso, na Igreja, na Companhia de Jesus, no mundo da ciência?", é que ele, com sua tendência a univer-

salizar, a generalizar, se pergunta também: "Qual é o lugar do homem na Natureza, no processo de Evolução?" Inicia, assim, seus estudos sobre as origens humanas nas escavações de Chou-Kou-Tien, que vai culminar com a descoberta do Sinantropo ou *Homo Pequinesis*, um dos nossos ancestrais mais importantes na cadeia dos elos evolutivos, não apenas por sua ancestralidade, mas também porque é um dos primeiros homens em que podemos constatar o despertar da espiritualidade: ele já acende o fogo e enterra seus mortos. Este foi o grande encontro, a grande revelação; talvez, naquele momento, ele tenha compreendido: "Vim para a China para descobrir que toda essa chama espiritual já estava em nossos ancestrais; vim descobrir o nascer, o brotar dessa chama". E é por isso que ele se apaixona pelo Oriente.

Outro fato importante é o seu contato com a multidão, com a massa humana. Procura, assim, estar em contato com aquelas grandes populações do Oriente: Índia, China, Birmânia, Java. E vai percebendo que, cada vez mais, o seu trabalho e talvez o trabalho de todos os homens consiste em construir a Terra para consumir o Céu; buscar o Espírito através da Matéria; chegar a Deus partindo do Mundo. Há uma obra humana a construir. Essa obra humana tem um nome: **Futuro!** Mas o Futuro somos nós que construímos, então vamos tudo fazer para construí-lo num sentido de união; daí o seu "tudo cristificar". Esta é a proposição maior no tratado de espiritualidade que escreve entre 1926 e 1927, *O Meio Divino*.

Na certeza de viver, movimentar-se e ser dentro de uma "ambiência" divina, e na esperança de, através da consumação do Mundo e do Homem, estar co-operando, de certa forma, na consumação de Deus, Teilhard é um só impulso de Esperança. Nada o abate. Sofrimentos, exílio, falta de permissão para publicar, mortes de amigos e parentes, suas próprias enfermidades, tudo ele supera, e quando redige sua obra máxima *O Fenômeno Humano*, tem um objetivo explícito: "ver e fazer ver" para "conservar em nós a coragem e a alegria de agir".

Explode a 2ª Guerra Mundial e ao Fascismo, Nazismo ou Comunismo que se defrontam, ele contrapõe o seu "programa político planetário": **Universalismo** (toda a solução há de ser em termos de Humanidade), **Personalismo** (promovendo a Pessoa) e **Futurismo** (com vistas no Porvir, em que desponta uma Super-Humanidade).

Em 1947, de volta à França, o primeiro enfarte. Todas as honras lhe são oferecidas, inclusive lecionar no Colégio de França. Roma não lhe permite aceitar nada, nem publicar nada, "convidando-o" a um novo exílio, desta vez nos E.U.A.

Ele está com 70 anos e ainda anota: "Tudo o que acontece é adorável".

Consegue realizar ainda duas expedições científicas à África do Sul e, quando está programando uma terceira, em 10 de abril de 1955, morre em Nova Iorque, vítima de uma síncope.

Naquele mesmo ano suas obras começam a ser publicadas e traduzidas pelo mundo todo.

Eis aí a vida de "um homem médio do século XX". É evidente que ele assim se autodefiniu por modéstia, podemos pensar. Não creio. Acho que estava se referindo à sua vocação humana, à sua busca de coerência, visão, fé, individualização, que não são de alguém privilegiado mas que decorrem da sua **situação**. Situação que é a nossa, de todos nós, posição existencial e histórica de qualquer homem nesta altura do espaço-tempo em que nos encontramos.

Que lugar é esse? Qual é o meu lugar? A resposta teilhardiana é precisa: Se você é um homem, você é eixo, flecha de um magno processo evolutivo que em você desemboca e, por você, se torna auto-evolutivo, isto é, direcionado para um Ultra, mais acima e mais adiante.

"Participar normalmente das idéias e preocupações de seu tempo" é, portanto, desenvolver essa autoconsciência, aperceber-se de sua própria responsabilidade, compreender o seu próprio **porquê** e realizar o seu próprio **para quê**. Lembro agora de um amigo. Um homem meio inquieto sempre à espera de que "algo de maravilhoso" lhe acontecesse caído do céu. Em função disso ele procurava todo tipo de saídas que vocês possam imaginar. Mas, uma muito engraçada foi quando se encontrou em pleno terreiro de umbanda, onde, conversando com uma mãe-de-santo, lhe contou: "Sabe, eu sou um homem que, afinal de contas, mereço tudo. Não prejudico ninguém, sou honesto, trabalhador, tenho uma esposa dedicada, um filho que é um encanto, uma profissão. Então o que eu quero, realmente, é a alegria de curtir a boa vida que eu tenho". A velhinha ouviu tudo e disse: "Ih!, meu zifio, quem é que disse que ocê veio no mundo só prá isso?" Eu acho que aquela velha era realmente sábia! Cheguei lá! Conquistei! Ganhei! E quem é que disse que "ocê veio no mundo só prá isso?" E se houver planos maiores...?

Então o equilíbrio de nossa vida teria que ser encontrado nisto: Está bom, eu sou e, pelo fato de ser humano, estou aqui no século XX, etc.; sou um ser consciente, tenho minha vontade própria, a evolução desembocou em mim, então tenho que descobrir um caminho que esteja adiante e acima. **Mas um caminho inaugural**. Aí é que está. Entre o universalismo e o futurismo, está o personalismo.

Então é preciso saber como é que vão ser efetivamente introduzidos nessa realidade múnica e até cósmica todo "líismo" da Lia Diskin, o "neidismo" da Neide Archanjo, o "marilismo" da Marilisa de Moraes e o "archanjismo" do José Luiz Archanjo, aqui. Como é que tudo vai ser realizado? Porque não podemos nos reduzir ao desempenho dos papéis tradicionais, isto é, um "bom pai de família", uma "esposa tão dedicada", uma "mãe perfeita para seus filhos"... e "em que é que eu falhei, meu Deus do Céu?" Não falhou em nada! Agora vem **Você**, certo? Você foi uma ótima mãe, maravilhosa, fantástica. Agora, e **Você**? Papéis, papéis, papéis! E **Você**? Essa experiência de você realizar plenamente esse seu Eu é uma experiência muito desafiante. É como uma plantinha que você vai regando, regando, mas que, na verdade, você não sabe se vai dar flor ou não, se vai crescer muito ou pouco, se ela deve ficar ao sol ou à sombra. Tudo isso você só vai descobrindo à medida em que vai vivendo e, quando der flor, essas flores irão cair. Aparecerão frutos? É uma árvore que só dá flores ou só folhagens? Isto significa que é algo absolutamente novo e não há modelos, não há parâmetros para se dizer que, se foi assim com fulano, então vai ser assim comigo. É uma descoberta para mim mesmo, um achado inaugural do meu percurso, uma saída mais à frente.

Voltemos novamente à frase inicial de Teilhard: "...um homem médio do século XX, por participar normalmente das idéias e preocupações do seu tempo, só conseguiu encontrar o equilíbrio da sua vida numa concepção fisicista e unitária do mundo e do Cristo". Que concepção é esta? Uma concepção fisicista, quer dizer, não uma concepção intelectualista, espiritualista ou misticista, não, é uma concepção bem concreta, concretizante. "Unitária" significa que não tem divisões, como "aqui é meu corpo, aqui a minha alma, aqui a minha juventude, aqui a minha maturidade, ali o meu tempo para a velhice; aqui o recinto sacrossanto do meu lar, aqui a baderna em que estou sozinho; aqui o terreno do amor, aqui negócios". Não, sem esse tipo de divisões, sem divisões de espécie alguma. Fisicista é uma concepção muito concreta, unitária, sem divisões. E diz ele, particularmente, "uma concepção fisicista e unitária do mundo e do Cristo". Ora, como ele chegou a essa visão? Em primeiro lugar compreendendo o real. E quando falo real, não pense que estou me referindo a um Real com ére maiúsculo e que estou assim "dentro da linha epistemológica de corte transversal da filosofia abstrata alemã, com algumas reduções fenomenológicas e outras eidéticas e transcendentais", não, não é nada disso. A verdade é que nunca ninguém

enfiei uma colher de sopa na orelha para comer. Não, ninguém, nem um débil mental! Você tem instinto. Nunca ninguém pegou um objeto perfurante e enfiei no olho! A tendência é até de fechar o olho! Então, isso é que é real, é concreto, quando eu falo de "real". E quando Teilhard fala o real, ele está dizendo: "Tudo isso que nos cerca é um só todo dinâmico, é uma só coisa". Tudo está ligado a tudo; tudo tem a ver com tudo. Nada está aí por acaso, está tudo fazendo parte de tudo. Não existe coincidência, acaso, nada está no Universo desconjuntado e se encontrando aleatoriamente. Conseqüentemente, em nenhum nível podem ocorrer coisas sem sentido. "Veio-me uma idéia à cabeça." Idéia não é passarinho que estava voando por aí e veio à sua cabeça. Você **concebeu uma idéia** com toda dignidade de partejo, isto é, dá-se à luz uma idéia, ela não vem à cabeça. Está tudo ligado, é uma rede, uma malha. É um todo, e quem dera fosse bem posto, estabelecido. Mas não, esse todo é dinâmico, **caleidoscopicamente dinâmico**. É olhar para ele e ver combinações sem fim, contínuas e sempre evolutivas; são transformações pelas quais toda essa realidade está tentando encontrar a melhor forma de ser. A mais econômica, a mais bonita, a mais perfeita, a mais concreta, a mais viável, a mais adequada, e até a mais espiritualizada. Este Todo dinâmico real está evoluindo ao longo do Espaço e do Tempo. Portanto, se quisermos apreender isso, não podemos usar lentes parciais. Eu não posso olhar o mundo só cientificamente, só religiosamente, só misticamente, só esteticamente. Preciso de todas essas lentes para apreendê-lo na sua totalidade. E é por isso que Teilhard concebeu aquilo que ele chamou de **Hiperfísica**. Que fosse tudo a culminância da Filosofia, da Ciência e da Religião para apreender essa totalidade, que não é um cosmo. Essa idéia de que a realidade é um Todo, os gregos também já tinham. Pensavam: caiu uma onda no mar, é porque Poseidon resolveu passear; o céu está cor-de-rosa porque a Aurora está espalhando as flores para abrir o caminho ao pai que já vai sair no seu carro, que é o carro do Sol, carro este que foi forjado por Efeso, que por sua vez é filho de tal, etc. Essa coerência, essa unidade, os gregos já a tinham. Eles até chamaram este mecanismo bem ajustado no universo de **Cosmo**, um todo harmônico, um todo organizado.

O que Teilhard está nos propondo agora é o passo seguinte. Os gregos, tentando apreender o cosmo, propunham uma Física, o estudo, o saber da *physis*, da natureza. Mas agora percebemos que não estamos em regime de cosmo, que esse todo ainda está se fazendo, que ele é dinâmico.

Então não há um cosmo, há uma cosmogênese, isto é, um processo de gênese, um processo de geração desse cosmo. É por isso que não basta uma Física, mas é preciso uma Hiperfísica que apreenda esta coisa em movimento. E para isso vamos precisar de lentes especiais, de projetores especiais, de visão e até de ajuste! Essa cosmogênese é um processo, é um todo dinâmico em que eu vejo várias gêneses. É isso que é enlouquecedor. São outras tantas grandes gêneses. A gênese da matéria, a biogênese, gênese da vida, tudo dentro desse grande processo de cosmogênese. Gênese do homem, a antropogênese. Dentro do homem, num sentido espiritualista, a Cristogênese (e, por favor, não confundam nem limitem apenas à Jesusgênese; estou falando da Cristogênese, da proposição de um crístico que Jung chamaria de um arquétipo crístico). Nesse sentido, haveria acima dessa antropogênese, dessa Cristogênese, o Todo culminando numa Teogênese, porque a perfeição de tudo isso vai ser a manifestação do Perfeito. A "perfação", a "perfação", o cumprimento de toda essa gênese, o parto de tudo isso que é realmente o "parto de Deus" para nós. O parto da Perfeição, do Absoluto, se quiserem chamar assim. O parto da paz, da harmonia, da beleza, da verdade, da justiça. E como está tudo coerente, dentro dessas grandes biogênese, antropogênese, etc., está havendo a "Lio-gênese", a "Neidogênese", a "Marilisogênese", a "Archanjogênese", e é isso que é alucinante! Porque todas essas gêneses, a nossa, a de cada um de nós, é que compõem esta grande antropogênese que finalmente consumará a cosmogênese numa Teogênese, de que é matriz.

Cada homem está engajado nessa missão de coerência e fecundidade. **Nós somos a gravidez desse Divino**, por isso, ação, pesquisa, trabalho, reflexão, são um único ato de adoração. Assim, começamos a entender o sentido da oração. A oração é a nossa verbalização, a nossa expressão consciente, energética, mântica, de tudo isso. E cada vez que eu estiver em espírito de gênese de mim mesmo, gênese da vida, gênese do homem, gênese do cosmo, gênese do crístico, gênese do divino, de Deus, estou em oração. E se começa a perceber que houve um estágio em que era realmente importante que se ficasse na "reza" mesmo. Você tinha que repetir muitas vezes, como o fez com a tabuada. Era realmente importante, e continua sendo, que se repita muitas e muitas vezes "Pai Nosso... Ave Maria...". **Repita, repita**, é mântico, é bom. Porque, se não fosse necessário repetir, você não precisaria xingar tantas vezes as pessoas ao longo de sua vida. Você xingaria uma vez só e não precisaria repetir mais! Mas o repetir tem força. O re-

petir da oração como reza tem primeiro esse sentido quase mágico, eu diria, de **imantação**. Porque é óbvio que se uma pessoa ficar ao seu lado, praticamente lhe insultando repetidas vezes, nem que seja pela própria irritação do monótono, você acaba reagindo. E nisso consistiria o ato mágico da imantação. Superada esta fase, vem a do **encantamento**, não é mais só imantação. Agora já tem perfume, já tem som, já tem incenso, já tem flor, já tem beleza, e o que acontece então? Minha alma se expande, então eu crio, eu invento, nasço um pouco mais ou, no mínimo, agradeço por ter-se feito tudo isso. Nesse sentido, qualquer coisa que você estiver fazendo — trabalho, pesquisa, oração — em qualquer lugar, em qualquer circunstância, esta é a oração consciente do homem do século XX. “Sua vida inteira — dizia Michel Quoist — se transforma numa oração”. E quando a vida inteira se transforma em uma oração, **tudo é sagrado**, porque tudo é manifestação dessa cosmogênese, a plenitude do absoluto.

Não vou falar de Ciência, já que me propus falar do “espírito da oração no século XX”; não vou enveredar muito pelo aspecto científico dessa cosmovisão, dessa visão fisicista e unitária do mundo e do Cristo, mas vou falar de Religião. De qual religião vou falar? Daquela grande cosmogonia de um São Paulo! Vou falar das pessoas que tiveram uma revelação e uma paixão pelo mundo em que elas vivem. Teologia, evangelho, moral, palavra, ascese, mística, tudo isso deve falar basicamente de um sucesso do mundo. Parece-me que, basicamente, todas as coisas têm que falar de um sucesso, ou seja, de um êxito; não quer dizer que devamos usar os padrões estabelecidos, vigentes, predominantes, etc. Seguramente, os critérios dos nossos pais não são os nossos. É claro que meus pais querem o melhor para mim, mas o melhor para mim, que eles pensam, no mais das vezes não é o melhor que eu descubro ao longo da minha vida. Segundo eles, eu posso ser um fracasso, mas eu me considero um sucesso no que me propus fazer.

Não é um perdedor, por mais que se queira passar uma imagem de sofrimento, abatimento e humildade, o Cristo padecente na cruz. Há um *gran finale* para Ele, que é a Ressurreição de fazer guardas saírem correndo, terra tremer, céu escurecer e coisas que tais! É uma marca de êxito pessoal que o mundo pode até considerar um fracasso, mas a pessoa está lá, em êxtase. Ela, pessoalmente, está marcada por um êxito, por um sucesso. Tudo isso têm a nossa teologia, o nosso evangelho, a nossa moral, a nossa palavra, a nossa ascese, a nossa mística; têm que estar impregnados desse sucesso e é claro que esse sucesso está muito ligado a um suces-

so mundico. Não é possível que o mundo inteiro fracasse e só eu triunfe, e vice-versa. Outra coisa: esse sucesso deve ocorrer para mim enquanto pessoa, e não necessariamente no desempenho dos papéis de pai, mãe, etc.

Em nossas relações morais ou jurídicas entre o mundo e Deus, Ele ficou como o Rei, o Soberano e até o Senhor dos Exércitos! Depois, mesmo quando suavizaram um pouco as coisas, as relações se tornaram muito familiares: Deus-Pai, Maria-Mãe, nós-filhos de Deus, etc. Mas, finalmente, houve toda uma proposta de fraternidade, não era mais a mão do Grande Pai sobre o ombro do Filho, era uma mão estendida: “Vamos todos juntos, vamos de igual para igual”. Então, quando Paulo, apaixonado, disse: “Vós sois deuses”, ele estava propondo que fôssemos todos outros tantos Cristos. Quando Buda dizia: “Essa pedra já é Buda, só que ela ainda não sabe”, ele estava estendendo a mão para a pedra. Quando Francisco disse: “O irmão Sol, a irmã Lua, o irmão vento, o irmão burro,” etc., percebe-se que este é um nível de solidariedade, de co-naturalidade, de confluência proposta.

Eu dependo de tudo o mais e tudo o mais, de fato, depende de mim. É uma rede como aquelas meias de seda femininas em que, ao romper-se uma malha, o fio corre e a meia acaba se desfazendo inteira. Tudo é uma teia muito coerente, de **tudo ligado a tudo**, e Deus está no meio, imiscuído em tudo isso. Isso é a Sua tapeçaria. Ele não está acima de tudo isso, transparecendo através! Deus é também tudo isso, e não se reduz a isso porque Ele já é tudo o que isso vai ser um dia na plenitude. Portanto, para Teilhard, há relações naturais, físicas, orgânicas entre esse Deus e o mundo. E é por isso que Teilhard fala em Cristo Místico, Cristo Cósmico. Daí ele se referir muito aos versículos de São Paulo: “Nele tudo consta. Ele é Aquele que preenche todas as coisas. Tudo é em Cristo, o Cristo é o tudo de todos”. Significa que este Cristo do qual ele fala como Cristo Universal, Cristo Cósmico, é exatamente aquele ponto ômega, sobre o qual também fazem um mistério incrível!

É preciso lembrar que Teilhard tinha mentalidade matemática. Por isso, quando ele quis se referir a um ponto último usou a última letra do alfabeto grego: o ponto ômega. Então, esse Deus, esse Cristo Cósmico, esta plenitude é um ponto ômega, o máximo ponto, o último da série e, por isso mesmo, tão pleno. Último de série e fora de série!

Conseqüentemente, tudo está cristificado nesse sentido, tudo está divinizado, e tudo é sempre mais cristificável e divinizável, tudo é sempre mais capaz de maior sentido. Portanto, orar é pro-

mover e padecer a unidade orgânica do mundo; orar é tomar consciência de que você é célula de um grande organismo, é átomo de uma imensidade, mas átomo efetivo. Se não houver esse átomo, haverá um buraco na rede, que se esgarçará inteira se você não estiver ali, se o seu crístico, o "tudo" de você não estiver atuando dentro desse todo. Por isso, o nosso esforço humano é sempre um esforço de comunhão, de comum-união, de união com tudo e com todos, de grande abertura, de grande permeabilidade, de grande receptividade, de grande energização, de grande cultivo, de grande trabalho. **A fé tem que ser uma fé operante.** Uma fé que realmente se traduza nas minhas obras, nos meus pensamentos, nas minhas palavras, na minha forma de ser. Não pode ser uma fé tímida, covarde, preconceituosa, neurótica, infantil, velha, ultrapassada. Esta fé tem que estar realmente presente aqui e agora, com os olhos no futuro.

É claro que tenho que estar muito atento a tudo que está à minha volta, mas com grande desapego. Mas desapego não é renúncia no sentido de "não quero as coisas desse mundo, isso tudo é pecaminoso, eu não sou ligado a bens materiais". O desapego tem que se dar por ultrapassagem. Há que se ter as coisas para operar uma ultrapassagem delas. Isto é desapego. Ou, como sempre ensinaram os místicos, "possuir como se não possuísse", porque há pessoas muito apegadas ao seu desapego. E há também pobres avaros que têm medo de não vir a ter, de perder, etc. Mas o verdadeiro desapego é esse, o possuir como se não possuísse e, sobretudo, uma grande preocupação de transformação.

O que é que vou fazer com tudo que me foi dado? Em que vou transformar tudo isso? Tenho que transformar, mantendo sempre esse espírito de comum-união.

Portanto, nada é estranho a esse grande processo de oração. Acho que uma causa, uma questão, uma beleza a ser conquistada ou apreciada, uma verdade, para qualquer homem é uma missão. Tem de haver essa compreensão de um sentido de missão. Missão é vida plenamente vivida. E quando se vive plenamente, parte-se de si mesmo e vai-se conquistando, progressivamente, o outro, o nós, o grupal, o societário, o nacional, o planetário, o cósmico...

Nesse processo, em que o homem vai se desarraigando de si mesmo, sempre em direção de um "trans", de um "ultra", de um "super", Deus vai se revelando para ele.

Deus só se desvela ou revela na medida de minha união, da minha ligação ou religação comigo, com todos, com tudo, com o Todo que me ultrapassa. Então, imperceptivelmente, minha ação

vai se tornando paixão; minha sede de conquista se torna desejo de renúncia; meu crescimento passa a consistir em humilde participação. E a minha oração se resume numa só palavra: *Fiat!* Faça-se, faça-se, faça-se... Cumpra-se, realize-se, aconteça... Sou como que um deus criador nesse momento de consentimento e participação. Sou um ato de gratidão também. Um insistente convite. Um entusiasmado impulso.

Fé no Mundo, fé no Homem, fé na Santa Evolução, fé na Presença Divina, sempre mais divinizada aqui e agora.

Teilhard passou pelo século XX tão seguro dessa Presença que percorreu os seus próprios caminhos temeroso e atento como um explorador, vidente e clamante como um profeta, humilde e reverente como um peregrino. Por isso toda a sua obra pode ser considerada um só apelo "PARA AQUELE QUE VEM". E este é o título do livro que apresento hoje a vocês, no qual reuni, traduzi e comentei várias orações do Pe. Teilhard.

Se pudermos rezar como ele, rezemos então, com ele.

Muito obrigado!

JOSÉ LUIZ ARCHANJO

Resumo da Evolução Cultural Japonesa

SEGUNDA E ÚLTIMA PARTE

Período AZUTI-MOMOIAMA (1568 – 1600)

Ôda Nobúnaga, governador de Ouari, atual Nágoia, alcança Quiôto antes dos outros, que são cultos também, bons poetas, e um deles, pintor. Ôda vence os monges-guerreiros, uma força incontornável desde Heian. Um Imperador disse: "Posso controlar as águas dum rio, mas nunca os monges-guerreiros".

Excêntrico, liberal, simpatiza com o cristianismo (no filme *Kagemusha*, recebe a bênção dos padres antes da batalha).

Toiôtomi Hidêioshi, seu pupilo e sucessor, constrói o Castelo de Ôssaca em homenagem a sua mãe. A arquitetura da época é a dos castelos de vários andares, em torno dos quais se desenvolvem as cidades. Um dos mais famosos é o de Himêji.

A pintura é sobre *fussumá*, portas corrediças internas opacas. Também sobre biombos. Cerâmicas e tecidos luxuosos devem ser citados também.

Hidêioshi devolve o prestígio político ao Imperador, ficando ele como Regente.

Ôda e Hidêioshi têm loucura pelo teatro *Nô*. O primeiro é bom tamborileiro grave e cultor dos bailados¹. O segundo tem um professor particular e gosta de representar peças no palco. Graças a ele, o *Nô* torna-se o divertimento de todos, desde a casa imperial até o mais humilde plebeu.



Figuras femininas do célebre pintor Torii Kiyonaga (Período Edo).

É a época do mestre de chá Sen-no-Rikíu. Um período breve, porém brilhante. Hidêioshi oferece um chá ao povo nos jardins do palácio. Por outro lado, define a diferença entre guerreiros e a plebe, proibindo-a de portar armas.

O japonês vai para o sudeste da Ásia e ilhas dos Mares do Sul

a fim de estabelecer colônias. O general Iamada Nagámassa casa-se com uma princesa do Sião, tornando-se um governante.

O cristianismo chega ao Japão em 1549, através do jesuíta São Francisco Xavier. Para converter o povo, os padres dizem que o cristianismo é mais uma

escola do budismo. Muitas obras são inspiradas nele, inclusive peças de *Nô*.

Os portugueses presenteiam o governador de Tanegáshima, bem ao sul do país, com armas de fogo em agradecimento à boa acolhida. Certo capitão leva um grande lote de espingardas em seu navio e vende tudo. Volta vinte anos depois ao Japão, disposto a fazer bom negócio. Entretanto os nipônicos estavam fabricando armas talvez até melhores, exportando para a Índia, a China. . . O coitado ficou a ver espingardas.

Os Toiôtomi declinam, acabando derrotados pelos Tokugaua em 1600, na batalha de Seki-ga-Hara.

Mas, no meio de toda essa desordem, o *Nô* continua prestigiado por todas as classes.

Período EDO OU TOKUGAUA (1603 – 1868)

Na nova capital, Iéiassu toma o poder com mão de ferro. Quinze gerações dura esse governo.

Nobúnaga era do tipo “Se o rouxinol não cantar, mate-o”.

Toiôtomi Hidéioshi, “Se o rouxinol não cantar, force-o a cantar”.

E Tokugaua, “Se o rouxinol não cantar, espere que ele cante”. Um homem paciente dos que vão devagar e sempre.

Os japoneses preferem os Toiôtomi, chamando Iéiassu de “Velho Texugo”

O insulamento parcial começa na terceira geração dos Tokugaua. Os cristãos são perseguidos por acreditarem no Filho de Deus. E o Imperador é o filho da Deusa do Sol, Amaterassu, divindade-mãe do país.

Entre os portugueses e os holandeses, os nipônicos optam pelos últimos. O país não fica atrasado, estagnado como se pensa. Conhecimentos técnicos e



TÂMURA – Peça do teatro clássico *NÔ* do gênero Guerreiro, uma das obras-primas de Zêami – 1363-1443. Nos dois filmes dirigidos por Kurosawa, *Kagemusha e Kumo-no-Su-Jô* (Trono Manchado de Sangue, no Brasil) aparecem trechos dela. Na primeira, à luz dos archotes. Uma escolha feliz, porque foi a favorita dos samurais como sendo de bom augúrio. É peça de Guerreiro-Vitorioso. O protagonista é o general Tamurámaru, pacificador de povos rebeldes nos anos oitocentos de nossa era.

científicos vêm através dos holandeses. O primeiro a usar anestesia nas operações é um japonês, bem antes dos europeus.

O *Nô* torna-se arte de câmara, obrigação cultural, até ritual para os guerreiros. Os atores e músicos do teatro são funcionários do governo central ou das províncias, havendo rivalidade entre os grupos.

Quando os samurais das diversas regiões reúnem-se na capital, surge dificuldade de comunicação entre eles, falando um sem número de dialetos. Então, a linguagem arcaica do teatro *Nô* torna-se o idioma oficial deles – mais ou menos como na Europa

Antiga, onde as pessoas cultas usavam o latim.

O *Nô* se distancia do povo, mas como é moda estudar seus cantos, isso influencia a cultura posterior. A poesia haikai de Bashô, o *Ninguiô-Jôruri* ou *Bûnraku* – teatro de marionetes – e o *Kabuki* de Tikámatsumu, ex-guerreiro, a ficção de Sáikaku, são muito influenciados pelo *Nô*, embora sejam reações contra as manifestações clássicas já existentes. As marionetes de *Bûnraku* são também obras de escultura.

As escolas de pintura de Kanô, Tôssa e outras deixam obras notáveis.



MÁSCARA DE SHIRO-HÉIDA — Shiro significa Branco, havendo outra de cor morena. Apropriada para o general de grande habilidade como o protagonista do NÔ Tdmura.

Na arquitetura, a Vila Imperial de Katsurá e o mausoléu de Iéiassu em Nikkô, além de templos budistas.

Enquanto os períodos anteriores apresentam o budismo forte, à medida que corre a Era Edo, há enfraquecimento e até anti-budismo.

O fim do século dezoito recebe o nome de "Guênroku". Época de extravagância e de Paz Absoluta na Terra a qualquer custo. Inclusive o governo tem um eficiente serviço secreto e manda os senhores feudais fazerem trabalhos difíceis para mantê-los ocupados.

Resultado: o povo consegue se educar, ilustrar, levando uma vida mais ou menos sossegada, porém há espadas embainhadas, guerreiros desempregados. Vão ser professores em escolas sediadas nos templos, ao lado dos sacerdotes. Ali, os livros de cantos de Nô são usados como textos didáticos.

Durante a época de Tokugaua há diferenças nítidas entre as classes: guerreiros — lavradores — artesãos — comerciantes. Os primeiros, no poder; os lavradores, produtores do alimento; os terceiros, criando utilidades e artes menores; os comerciantes,

como não-produtores de coisa alguma, apenas negociando, não são vistos com muito respeito.

Mas o governo deixa-os viver sua vida. Se não os protegem, não os perseguem, ao contrário, toleram a livre empresa. Segundo os estudiosos de Economia, essa torna-se a diferença fundamental do sistema japonês antigo com os de outros países do continente asiático, onde a estatização é terrível. Os ricos querendo ganhar depressa, emprestam dinheiro a altos juros, e os outros passando fome.

Mas no Japão a economia está relativamente equilibrada, cada um na sua classe — não casta — fazendo o que pode.

Porém o governo artificial cansa. Quer-se a volta do Imperador como poder político e o reatamento de relações com o estrangeiro antes da chegada de Perry e seus navios em 1853.

Depois de muitos incidentes, o décimo quinto e último Tokugaua devolve o governo ao Imperador Mêiji.

Período MÊIJI (1868 — 1912)

É o da restauração e modernização. Extinguem-se as classes sociais rígidas.

Se antes as coisas ocidentais entravam somente via Holanda, agora há o dilúvio de costumes e

culturas das procedências mais diversas.

O Nô declina e refloresce logo pela formação de sociedades mantenedoras. Jovens intelectuais da época seguem a moda de aprender canto de Nô e de praticar o Zen sentado.

É a volta dos poemas tradicionais, clássicos e populares.

Escritores e escritoras, educadores e educadoras de valor marcam essa transição cultural, contemporânea de Machado de Assis.

Por outro lado, o Japão influi na geração impressionista européia, na pintura² — o caso de Cézanne.

Período TAISHÔ (1912 — 1926)

É o da coexistência Ocidente-Oriente.

Vem o parlamentarismo após a Primeira Guerra.

Grande interesse pela literatura infantil, a exemplo de Monteiro Lobato entre nós. O cinema e o rádio têm importância capital neste período.

Há Nô amador entre os intelectuais. Tanto homens como mulheres estudam seus cantos, bailados e instrumentos.

Fase neo-clássica na literatura, depois a psicológica e socialista.



Período SHŌUA (1926 até nossos dias)

No início, está ativa a corrente socialista na literatura, uma das causas mais próximas do militarismo-direitista.

O Modernismo chega em 1930, depois do Brasil, em 1922.

A entrada na Segunda Guerra em 1941 tem como uma das causas mais próximas o boicote econômico ao Japão por parte dos países ocidentais.

Após 1945, há influência americana de ocupação.

As mais variadas correntes culturais vão, vêm e subsistem.

Há o nacionalismo com o reflorescimento das artes de Muro-mati — *Nô*, cerimônia do chá, arranjo de flores, pinturas, arquitetura, jardins — exportadas para o estrangeiro e admiradas por todos.

Comparando com a cultura ocidental, parte do período Jō-mon e todo Iaiōi correspondem ao Cristianismo Primitivo. Os períodos Assuká, Nara e Heian até o ano 893 aproximadamente, ao Bizantino. Daí até 1185, dos nobres Fujiuara à derrota do clã Hēike, corresponde ao Romântico. O de Kamakurá (1192–1333), ao Gótico. Período Muromati (1338–1568) e o de Momoiama (1568–1600) abrangem o Renascimento. O Tokugaua (1603–1868) corresponde ao Barroco-Rococó, Romântico e Neo-Clássico na Europa.

O Japão tem área equivalente ao Estado de São Paulo, mas é estreito, desenvolvendo-se longitudinalmente, com ilhas numerosas. Ao norte, o frio intenso; temperado no centro; semitropical no extremo-sul.

Outros povos do norte e do sul penetram no território japoneses por onde podem, em épocas primitivas. Durante a formação cultural, intelectuais e artesãos

chineses e coreanos naturalizados japoneses integram a população de Nara e Quiôto.

Por volta do ano 1000 pára o intercâmbio com o continente.

Surgem, então, diferenças entre o japonês do norte, centro e sul, devido também a fatores climáticos, de alimentação, etc.

Hoje é mais difícil encontrar tipos puros, principalmente nas grandes cidades. No Brasil, predominam os japoneses do sul.

Conclusão

A cultura nipônica não tem sido copiar e engolir tão somente os elementos alóctones recebidos. Caracteriza-se, porém, por sua assimilação hábil, nacionalizando-os delicadamente com o tempero dos fatores da própria terra.

E o resultado: a síntese harmoniosa do conjunto.

Em outras culturas orientais podemos admirar a grandiosidade de suas obras, os detalhes muito trabalhados, impossíveis de serem imitados por qualquer um.

Mas em nenhum lugar do mundo, desde épocas remotas, existe a cultura do **faça você mesmo** como no Japão.

Segundo um estudioso, que pesquisou as várias culturas da Terra durante dois anos, na Europa antiga as elites ocupavam-se da caça e dos bailes nas horas de lazer, mandando pintores, escultores e músicos profissionais fazerem suas obras.

No Japão, ao contrário, havia concursos de poesia clássica com a presença do Imperador — isso existe até hoje — participando homens e mulheres; concertos musicais freqüentes nas mansões, além de outras artes serem praticadas pelas próprias elites.

Arranjo de flores, cerimônia do chá, pintura, estudo de canto

de *Nô* estão nesse caso. Compor poemas no intervalo das batalhas, dedicar um bailado de *Nô* a um amigo ou rival. . .

Mais tarde, surgem grupos de poesia popular haikai, música, etc.

É uma cultura de participação, não apenas de assistir e aplaudir.

Não importa que o cultor não seja tão hábil nem talentoso. O fundamental é fazer alguma coisa, estudar e aprender. Não ficar de fora.

E assim continua até hoje.

EICO SUZUKI

NOTAS:

1. No mesmo filme *Kagemusha, a Sombra do Guerreiro*, Ōda dedica um bailado de uma peça guerreira a seu rival Takêda, quando tem notícia de sua morte.
2. É a gravura popular em madeira, *Ukiiôe*, "Pintura desta Vida", em tradução literal. Não muito considerada no Japão, é reabilitada graças aos apreciadores estrangeiros. É outro exemplo de santo da casa...

Gravitações em torno da questão “O que é viver?”

“Assim é a vida,
Cair sete vezes
e se levantar oito”

Poema Popular Japonês

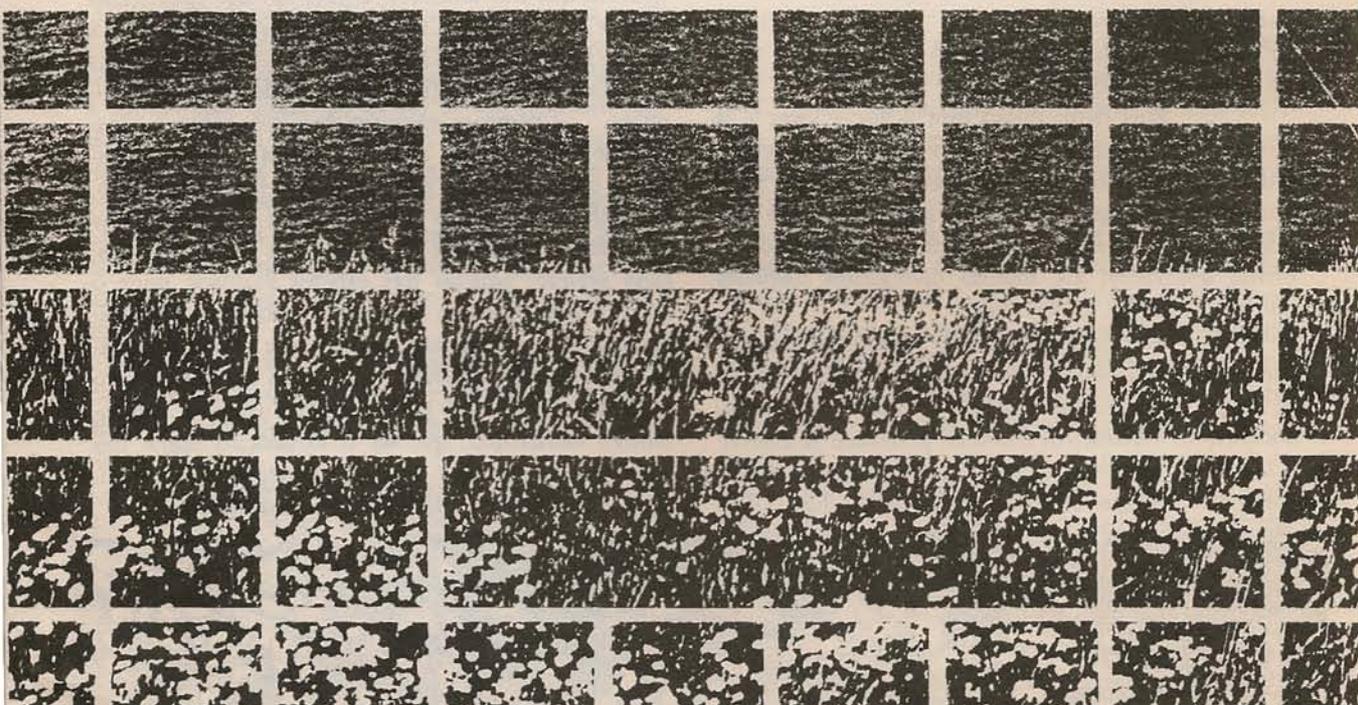
INTRODUÇÃO

Quero acreditar que o motivo desta reunião seja o nosso interesse pela empolgante e inexaurível questão sobre o significado do viver humano.

De saída, invoco a imagem que Ortega y Gasset tinha sobre o assunto: “Viver é tratar com o mundo, dirigir-se a ele, atuar nele, ocupar-se dele”¹. Chamo-lhes a atenção para o seguinte fato: estar no mundo — viver — não é a mais cômoda das situações. Exige luta daquele que vive; e mais, esta é uma luta absolutamente solitária. O pugilista enfrenta sua sombra; um “eu” se enfrenta com um “mundo”. Ninguém pode dar “socos” por outrem. O máximo que um homem pode fazer por outro, neste aspecto, é ser seu educador, ou seja, seu “técnico”. Todavia, os “técnicos” não sobem ao tablado para substituir ou apoiar os que orientam; ficam atrás das cordas, torcendo — felizes umas vezes, chorando outras. A esperança e o temor dedilham em dueto as fibras de sua alma.

As experiências que cada um de nós vai registrando ao viver não são reprodutíveis. Não podemos elaborar, à maneira de um físico, um manual de laboratório contendo os procedimentos experimentais de sequestrar uma de nossas experiências vivenciais. Apenas podemos conversar com os outros sobre elas, e deles ouvir o relato das suas. O diálogo é uma prática fundamental a todos os que escolheram desbravar, eles mesmos, com suas mãos, com suas foices, as florestas ilimitadas da filosofia.

As questões filosóficas instilam nos olhos do entendimento um colírio que os limpa e lhes permite “admirar” as coisas do Universo e as coisas do homem. Para Platão, o filósofo é justamente aquele que “admira” o espetáculo do viver. É aquele que observa, estuda, escrutina os “jogos olímpicos”. Não participa deles, torcendo ou competindo, e tampouco fazendo comércio. Apenas “admira” a todos; por que agem? como agem? quando agem? onde agem? Admira as coisas para desnudar a realidade (o que de fato é) encoberta pelas aparências (o que parece ser). O filósofo, como afirma Heidegger, não pode se “esquecer do ser”, não pode se perder nas partes sem se ocupar do todo. Deve admirar o vitral maravilhoso do universo por inteiro, sem se distrair demasiadamente em suas incontáveis combinações de cores e formas.



Como dizia, o que nos reúne aqui, agora, é justamente uma destas encantadoras questões: o significado do viver. Notem bem o que digo: o significado do viver e não o significado da vida, que é uma outra indagação. Vida é substantivo; viver é verbo. O substantivo é estático, simplesmente nomeia algo. O verbo é dinâmico, contém em si o germen da ação. A problemática sobre o sentido da vida já não mais diz respeito à filosofia como a entendemos hoje, ela transcende as fronteiras do fato histórico — e história é movimento, história é ação, é atuação de um homem num mundo; para mim, esta questão sobre a vida (sobre o substantivo, sobre o estático) escapa ao alcance dos olhos do filósofo, pelo menos do filósofo moderno, acostumados à movimentação dos “jogos olímpicos”. Ela pertence aos supra-sensíveis corações dos religiosos; julgo que somente os homens de fé podem vislumbrar e plasmar o reino do eterno, o reino onde tudo é estático por excelência. Enfim, compete ao filósofo responder à pergunta: o que é viver? Cabe à religião encontrar respostas para a questão: o que é a vida? Desde logo, não obstante às significativas diferenças entre ambas, não lhes prometo ater-me à primeira delas, expressa no título desta conferência. Se assim fizesse, estaria me unindo integralmente aos filósofos da existência, o que não acontece. Minha perspectiva atual não enfoca primeiro a existência e depois a essência, como fez Sartre, nem vice-versa como fez Heidegger. Pendo mais para o lado de Parmênides (“O ser é Uno, imóvel e eterno”) que para o de Heráclito (“Jamais entrarás no mesmo rio duas vezes!”). Estou tentando compreender o que é a vida, e o que é viver, simultaneamente — como estudante de filosofia e como buscador do fogo da fé. O tempo dirá o que vou conseguir.

Pois bem, como esta ação — viver — é tarefa solitária e única, cada um de nós terá tecido seus próprios pareceres sobre seu significado, e os pontos de vista que hoje tenho sobre o assunto têm muita chance de serem, sob muitos aspectos, radicalmente diferentes, até mesmo divergentes daqueles que cada um de vocês tenha.

Não pretendi vir aqui para ditar-lhes aforismos para a sabedoria do viver, nos quais, a partir de hoje, vocês devam sustentar suas existências. Somente os verdadeiros filósofos poderiam se atrever a tamanha façanha. Não estou entre eles. Meu único objetivo é dialogar com vocês, transmitir-lhes o que

penso sobre o tema e ouvir seus pareceres, mas, mantenhamos sempre em mente isto: esta questão é inexaurível. Enquanto viver, homem algum pensará ter chegado ao fim de algo, jamais ele acreditará ter consumado, ou seja, levado até sua essência alguma ação ou alguma meditação. Por quê? Porque nossos sonhos são infinitamente maiores e mais esplendurosos do que nossas realizações. Isto aprendi com o Prof. Basilio Pawlowicz, diretor da Associação Palas Athena.

No *Fausto* de Goethe, a aposta entre Deus e Mefistófeles — eixo do drama — aborda exatamente isto: se o homem (simbolizado pelo Dr. Fausto) um dia dissesse “ao momento fugaz: detém-te afinal, és tão belo, não te vás”², ele (o microcosmos) e o universo (o macrocosmos) estariam irremediavelmente perdidos. Seria o fim. O Nada venceria o Ser. Mefistófeles reinaria num universo niilista.

Cuidado! A aposta ainda não está decidida. Porém, estamos torcendo pela solução do poeta alemão: a redenção do Fausto que dirige seu ser para o Altíssimo. A redenção do Fausto que conclui: “Faz jus à liberdade e à sua existência só quem diariamente a conquistar com destemor”.

GRAVITAÇÕES...

Por isto é preciso insistir: o diálogo franco, o fluxo de idéias, é uma prática vital para a saúde da filosofia.

Começo minhas gravitações ao redor da questão que nos interessa, afirmando que LIBERDADE, VIDA E FELICIDADE SÃO AS PALAVRAS MOTRIZES DA HISTÓRIA. Todos os outros alvos do anseio humano (sabedoria, poder, amizade, riqueza. . .) somente exercem domínio sobre o espírito de um homem, quando este os vê como pata-mares incrustados na gigantesca montanha do tempo, em cujo cume Sísifo tenta repousar o rochedo que simboliza a existência humana, para gozar o inigualável prêmio: aqueles três estados excelsos, onde o estar livre se funde na liberdade, o estar vivo se dissolve na vida e o estar feliz se confunde com a felicidade. Em outras palavras: o dinâmico no imutável, o estar no ser, o verbo no substantivo (porém, o substantivo cabalístico, que dá o verdadeiro nome das coisas). “A harmonia do Cosmos depende da purificação, da correção dos nomes” (Confúcio).



**O homem quer a perfeição:
o indivíduo perfeito, o estado perfeito,
a anarquia perfeita, o universo perfeitamente
previsível descrito por uma única equação
e uma única filosofia,
mas, quase sem nos darmos conta,
movemos tudo, geramos o tempo,
fazemos história.**

Sem ilusões; em cada um de nós há um Sísifo que luta sem descanso para chegar ao fim da escalada. Queremos degustar a tranquilidade absoluta: "Procurai o repouso por toda parte" (Edo 24, 11). Paradoxalmente, esta querença constrói e destrói civilizações. Ela é responsável pela existência da História.

Mas que estou dizendo? Digo que buscando o repouso, o imutável, o concluído, o homem envolve-se totalmente com o movimento, com o mutante, com o imperfeito.

Vejam, o homem quer a perfeição: o indivíduo perfeito, o estado perfeito, a anarquia perfeita, o universo perfeitamente previsível descrito por uma única equação e uma única filosofia, mas, quase sem nos darmos conta, movemos tudo, geramos o tempo, fazemos história. O perfeito é o "Ser"; o desejo de perfeição é o "Estar". Sísifo quer a vida porque diferentemente do viver ela é eterna, ela é repouso. Deixemos isto no ar por instantes.

Num dos capítulos de seu livro "O Interesse Humano"³, Sri Ram nos mostra que no fundo aquelas três palavras (liberdade, vida e felicidade) refletem, nomeiam, um mesmo atributo do ser humano. Falam da mesma coisa: são três nomes dados a Deus depois do episódio da Torre de Babel. Portanto, o cume ao qual Sísifo aspira alcançar não é outro senão Deus. Não consigo encontrar outra justificativa para os infinitos "recomeços" do herói. Sem este fim, que o estimula a continuar a despeito de tudo, teria que dar os braços a Camus: a existência é um verdadeiro e grande absurdo. Todavia, em Sísifo pulsa o *entheos* — o deus interior que habita cada homem, dando-lhe "entusiasmo" e inspiração para viver.

Aproximemo-nos, pois, dessas três palavras tão doces, com cautela e atentos, deixando que o vigoroso discernimento de Sri Ram nos conduza aos seus liames. "Felicidade é a condição ou estado que todos os vivos buscam. É inerente à vida (. . .). A vida é obviamente uma força motriz, sua natureza é a bem-aventurança. Quando a energia vital flui, de modo a dar vazão a esta potencialidade, há felicidade."

Quanto ao conceito de liberdade, o sábio hindu ensina que o homem livre não sofre limitações em sua "capacidade de viver". "A vida é um estado de liberdade". O exemplo supremo e mais puro de uma natureza livre se encontra numa flor. As flores vivem em plenitude porque sempre são elas mesmas. Ser livre é poder ser si mesmo sem medos, sem travas, sem pudores distorcidos. "Olhai os lírios do campo, não trabalham, nem tecem, mas neles há exuberância de viver". Fico tentado a comparar esta lição de Cristo com o conceito de inação oriental — não porque acredite que Jesus tenha sido discípulo de monges tibetanos, mas porque dou razão a Teilhard de Chardin: "Tudo o que sobe, converge". Pois bem, inação, ou seja, a muda e invisível ação de Deus no universo, realizada através das existências de criaturas que, como os lírios do campo, verdadeiramente O amam, a ponto de negar espaço em suas mentes para o desejo de desfrutar das coisas que APARENTEMENTE são feitas por suas mãos. No estado de inação, o *Karma-yogue* não se interessa um mínimo pelos resultados, não espera retornos, nada quer para si. Por isto é livre, não está comprometido com absolutamente coisa alguma. Age para Deus, com Deus e em Deus. Age em consonância com seu *Dharma*; com sua vocação; com sua missão divina.

Como vemos, há de fato uma identidade de beleza matemática entre a liberdade, a vida e a felicidade. Temos que admitir: erramos brutalmente — como crianças descobrimos que o fogo queima — quando diferenciamos os seus significados, quer pela via do pensamento, quer pela via do sentimento.

Neste ponto, de súbito, uma visita incômoda nos surpreende sonhando com o retorno ao Éden e desditosamente, nem colocando vassouras atrás da porta da cozinha, servindo café frio, ou dando "discretos" bocejos, nos livraremos dela tão cedo. Trata-se da dúvida: se é assim, por que a angústia



tia que triturou Abraão ao empunhar a faca sobre Isaac descolore e deforma nosso viver? O simples e maravilhoso fato de estarmos vivos não nos garante a amada liberdade? E viver não implica necessariamente em ser feliz? Não havíamos concordado que assim deveria ser? Então, que invisível déspota é este que nos subjuga com tamanha crueldade, sufocando a recém-nascida esperança?

A mente, sempre esperta e ligeira em busca de razões para tudo, vai logo sugerindo culpados. Monta em micro-instantes, no melhor desempenho *hollywoodiano*, um cenário de tirar o fôlego e, nele, faz desfilar diante de nossos olhos indecisos seus fortes candidatos vestidos com os trajes da última coleção: o capitalismo desigualmente competitivo, o comunismo onde "todos são iguais, contudo, uns são mais iguais que outros"⁴, a religião que é o ópio do povo e "dá o maior barato", o ateísmo agonizante e insosso, o progresso dos "homens gado", a corrupção, as parcas, o vizinho que adora *rock*, a chuva, o sol, as formigas do "pic-nic". . . Quem utilizaremos como "bode espiatório"? O psicólogo não poderia ser o juiz e escolher por nós?

Como nos livros de Agatha Christie, a revelação do criminoso choca e confunde pelo insuspeito. Em nosso caso temos uma dupla, que não desfilou. A um coube organizar a "*grand-griffe*", ao outro coube apresentar os candidatos. Refeitos da surpresa, somos compelidos pelas evidências — "que podem mais que argumentos"⁵ — a aceitar o patético desfecho. A pista seguida por Hercule Poirot lhe fez constatar que mais uma vez todos dirigiram a atenção para locais errados. O lugar-comum quase sempre age como um mágico: enquanto a platéia contempla o delicado vôo da pombinha branca, ele prepara o próximo truque. O QG dos terríveis feitores não está baseado fora de nós — na Cochinchina como desejariam os que moram no Oeste, ou na Patagônia como prefeririam os que estão à direita do meridiano zero —, pelo contrário, eles fincaram profundamente a bandeira de seu reino na morada interior de cada homem.

A angústia — a Hidra de Lerna que como Hércules todos temos que enfrentar, querendo ou não — tem suas raízes no terreno pantanoso onde as águas da psique e da mente se encontram em gigantescas pororocas. A psique é conturbada pela paixão que é simples empolgação, que não passa de eferescência passageira. Os desejos hedonistas povoam

a mente como sátiros a saltitar nos domínios silvestres de Diana.

O termo "paixão" vem do grego *paschein* que significa nada menos do que sofrer, ser afetado. Zenão agrupou a *paschein* entre os quatro *pathe* principais (dor, prazer e medo, são os outros três) que afetam o equilíbrio interno de um homem. Os estóicos viam no *pathe* as origens dos impulsos excessivos, dos movimentos irracionais da alma, e deveriam ser evitados. Fica claro, portanto, que a paixão invariavelmente conduz o apaixonado a um estado de emoção intensa, e emocionar-se é perturbar-se, é alterar-se.

**O papel da Vontade é manter
a pessoa ensimesmada, manter a pessoa
no leme de sua existência,
caso contrário ela não passará de
um peão no jogo de xadrez do destino.**

Alterando-se, o homem danifica uma de suas mais preciosas, exclusivas e quase divinas faculdades: o ensimesmamento — conforme nos lembra o grande espanhol Ortega y Gasset⁶ — ou seja, a sublime capacidade de uma pessoa isolar-se do mundo exterior abrigando-se em si mesma, aconchegando-se ao seu "Eu" — um casulo protetor, revigorador e inspirador, para, na calma deste eixo interior, arejar e reorganizar as concepções que orientam seu inter-relacionamento com suas circunstâncias. Ensimesmados, podemos distinguir o "fora" do "dentro". O jacaré não tem consciência, vale dizer, nada sabe de sua própria realidade; igualmente não sabe que o pântano, em que vive, existe. A mente-grupal e os instintos controlam sua existência. Já a vida humana — ainda Ortega y Gasset — está ligada a uma biografia, justamente do indivíduo que a vive. Seu relacionamento com o contorno, com o que está à volta, é em muitos aspectos dirigido pela história, vale dizer, pelos usos e abusos vigentes em seu espaço-tempo. Agora, não podemos esquecer que o domínio da história sobre alguém é inversamente proporcional à potência, à musculatura viril da vontade desta pessoa, isto é, quanto mais forte e determinada for nossa vontade, menos nos deixaremos afetar em nossa individualidade pelos ditames que governam as massas.



**VIVER É ESTAR CONSTRUINDO,
REALIZANDO, MODIFICANDO, MELHORANDO.
VIVER É FAZER! VIVER É SOBRETUDO CRIAR MUNDOS!**

Resumindo, dentre todos os seres apenas o homem desfruta de um mundo interior e tem consciência de um mundo exterior; e, o que confere a uma pessoa a sua individualização, ou seja, as características que a tornam absolutamente ímpar, distinta de todas as outras, é precisamente o embate daquilo que ela é interiormente com aquilo que ela encontra à sua volta. O meio ambiente de um animal não é na verdade um mundo, e sim uma realidade momentânea, parte de sua própria atividade. O papel da Vontade é manter a pessoa ensimesmada, manter a pessoa no leme de sua existência, caso contrário ela não passará de um peão no jogo de xadrez do destino, que na primeira oportunidade será sacrificado por interesses alheios a ela, próprios da história.

Pois bem, somente quando estamos alterados ficamos à mercê de toda sorte de desejos que, paradoxalmente, ora subordinam ora se deixam subordinar pela paixão, num ciclo de funesta destruição da vida interior de cada qual. Os desejos são fenômenos mentais que se dirigem a tudo sem jamais se fixarem ou se decidirem por algo. Lembremos o que pensava Goethe a respeito: "O essencial é que o homem possua profundamente alguma coisa, que se dedique inteiramente a esta coisa como nenhum dos que o rodeiam o poderiam jamais fazer" (*Wilhelm Meister*). Parece-me claro que só podemos levar adiante tanta dedicação, tanta determinação volitiva, quando estamos totalmente com a mente ativada e focalizada num único interesse. Todos os grandes homens que veneramos, cientistas, filósofos, artistas, os santos e os sábios, dão-nos testemunho da veracidade deste fato.

Está bem, não somos nem sábios nem santos, contudo isto não deve ser utilizado como desculpa para nos negarmos a entrar na luta pela conquista de nosso foro íntimo. Insisto e persisto: viver, viver de fato, é lutar para ampliar os limites, as fronteiras, os horizontes da consciência. Os horizontes nunca são alcançados pelos marinheiros, contudo, somente os que aceitam o desafio de tentar

ultrapassá-los descobrem novas terras no globo da experiência humana. É para o mais alto — para o cume da montanha de Sísifo e não para o seu sopé — que devemos dirigir nossas lunetas. "Onde quer que o homem ponha os pés pisa sempre uma centena de caminhos", diz um aforismo indiano. Somos donos da escolha; este é o significado do livre-arbítrio: escolher entre os caminhos certos e os caminhos errados. Todavia, não estamos às cegas, acreditemos ou não, todos eles estão devidamente sinalizados. "Todas as boas máximas estão no mundo; só nos falta aplicá-las" (Pascal, *Pensamentos*).

Viver é estar construindo, realizando, modificando, melhorando. Viver é fazer! Viver é sobretudo criar mundos! Oh, que lindo é isto! Poder e saber como abrir as portas e as janelas de nosso casarão íntimo, para que o espírito tome sol e respire o ar fresco das manhãs de primavera. É como se recebêssemos uma nova dose do sopro divino que nos vivificou.

Evidenciando e organizando o latente, podemos concluir que a primeira braçada em direção às praias da felicidade — e por identidade de significados, à liberdade e à vida — consiste em revitalizarmos os supertitãs do espírito conhecidos por ensimesmamento e vontade. Que eles eduquem, ou pelo menos limitem, os desejos e a paixão. Doutra forma somos compelidos a concordar com Werther — o pessimista personagem suicida de Goethe: "Meu amigo! O homem é sempre o homem; a parcela de inteligência que possa ter raras vezes conta, ou não pode ser admitida em absoluto, desde que suas paixões se desencadeiem e ele se veja acuado nos extremos de sua humanidade".

Não podemos fugir de nós mesmos. Este é o destino de Sísifo. "Assim o vaticinaram sibilas e profetas. Nenhuma força, nenhum tempo desfaz a forma amoldada que evolui na vida." (Goethe — palavras órficas.) Sísifo tem que descer ao vale e novamente tentar, com tudo o que é, trazer o rochedo ao cume. "Essa hora que é como uma respiração



e que regressa com tanta certeza como a sua desgraça, essa hora é a da consciência”, escreve Camus. Afinal, quem disse que estamos aqui para descansar? É no hábito que se revela o estilo, o caráter e a força interior de um homem, pois o hábito é involuntário, quase não temos controle sobre ele. “Nada nos acontece que não seja de nossa própria natureza”, sentencia com razão Maeterlinck.

Acredito que o segredo da felicidade está na difícil tarefa de sabermos sorrir diante dos dissabores da existência que nossa consciência nos atira ao rosto. Sorrimos exatamente como fazem as crianças após uma travessura, diante das feições entristecidas de seus pais. Não há quem, pessoa ou situação, resista impune a um sorriso destes.

Convido-os à última revolução em torno da nossa questão. Penso, neste patamar da minha escalada, que viver é uma luta íntima e solitária, pela conquista de um espírito verdejante, livre dos entulhos do medo, da angústia, da cobiça, da inveja.

Viver é entregar as enxadas da persistência e a semente da árvore da vida humana — a árvore sefirótica do microcosmos — à Vontade, aos guerreiros da luz, da coragem e da harmonia. Esta entrega mágica e de ressonância cósmica acontece após o retorno de um mergulho em nós mesmos com o objetivo de descobrir quais são os sonhos que acalentamos, pois todo homem sonha com o belo e o puro. Isto equivale dizer, mergulhar num oceano de amor para descobrir a arca que guarda o maior tesouro de um homem; a resposta à pergunta: “para que existo?” Resgatar e abrir esta arca é reaver nossos sonhos sagrados, é retornar à casa do Pai. Na casa do Pai somos a um só instante livres, vivos e felizes. Na casa do Pai, chegamos a ser o que somos; simplesmente somos.

DESPEDIDA

Mas, de que pode servir-lhes este breve relato do que penso sobre a vida e sobre a existência humana? Realmente não tenho resposta para isso. Somente o conhecimento do que aconteceu certo dia a Martin Luther King me animou a dar esta conferência. Talvez pretensiosa em sua proposta.

Todos sabemos do amor que Luther King dedicava a Gandhi. Um amor que o transformou num defensor da dignidade humana. E foi uma conferência sobre Gandhi que acendeu a chama deste King sedento de justiça. A partir de então, o sofrimento que fustigava a sua gente já não podia ficar ao léu, ficar sem uma resposta sua. Ele tinha que fazer alguma coisa. A simples idéia de um fraquejar, de uma omissão, corroia-o, atormentava-o implacavelmente. Hoje já não sabemos quem foi o conferencista. Mas que importa isto? Luther King cintilará para sempre diante da humanidade como exemplo de um homem verdadeiro.

Minha tímida esperança é ter conseguido — após este exercício de pensar em voz alta — contribuir com algo para as gravitações que porventura vocês estejam realizando no momento, sobre a questão: O que é viver? E a encontrar os meios de vencer esta luta, sempre com o enfoque de conquistar a vida e não vencer na vida. E as perguntas urgentes e necessárias jamais ficam sem respostas.

GEORGE BARCAT

NOTAS

1. Ortega y Gasset, J., *A Rebelião das Massas*; Livro Ibero-Americano, São Paulo, 3ª Edição, 1971.
2. Goethe, J. W., *Fausto*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 1981.
3. Sri Ram, *El Interés Humano*, Sociedad Teosófica, Rosario, 1958.
4. Orwell, G., *A Revolução dos Bichos*, Círculo do Livro, s/d, São Paulo.
5. Ésquilo, *Prometeu Acorrentado*, in Teatro Clássico, Editora Cultrix, São Paulo, 1974.
6. Ortega y Gasset, J., Ensimesmamento e Alteração, in *O Homem e a Gente*, Livro Ibero-Americano, Rio de Janeiro, 2ª Edição, 1973.



NÃO ADIE MAIS UM ENCONTRO CONSIGO MESMO!

Faça sua inscrição
para o Curso Livre:

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO

ÉTICA: aspectos ético-filosóficos do Bramanismo e Budismo (leitura comentada de Bhagavad Gita, A Voz do Silêncio e Dhammapada); o pensamento ético de Aristóteles, Plotino, Kant e Bertrand Russell; a ética cristã.

FILOSOFIA DA HISTÓRIA: introdução ao caráter geral da História; fundamentos teóricos; ciclos e ritmos históricos; História e Mitologia; teorias históricas de Cícero e Platão.

IDADE MÍNIMA: 18 ANOS
AULAS UMA VEZ POR SEMANA
DURAÇÃO: 22 AULAS
INÍCIO TODOS OS MESES



INFORMAÇÕES:
RUA LEÔNCIO DE CARVALHO, 99
PARAÍSO – SÃO PAULO
SP. FONE: 288.7356.



**Graças a Deus,
tudo pode
ser aperfeiçoado
nesta vida.**

**Vamos dar-nos um tempo para
autoconhecer-nos,
Vamos dar um tempo aos nossos semelhantes
e conhecê-los.
Vamos melhorar a cada dia nesta vida.**



POLYCHROM

FOTOLITO POLYCHROM - AV. IMP. LEOPOLDINA 1434
V. HAMBURGUESA SP - 261-7199 - 261-7118